

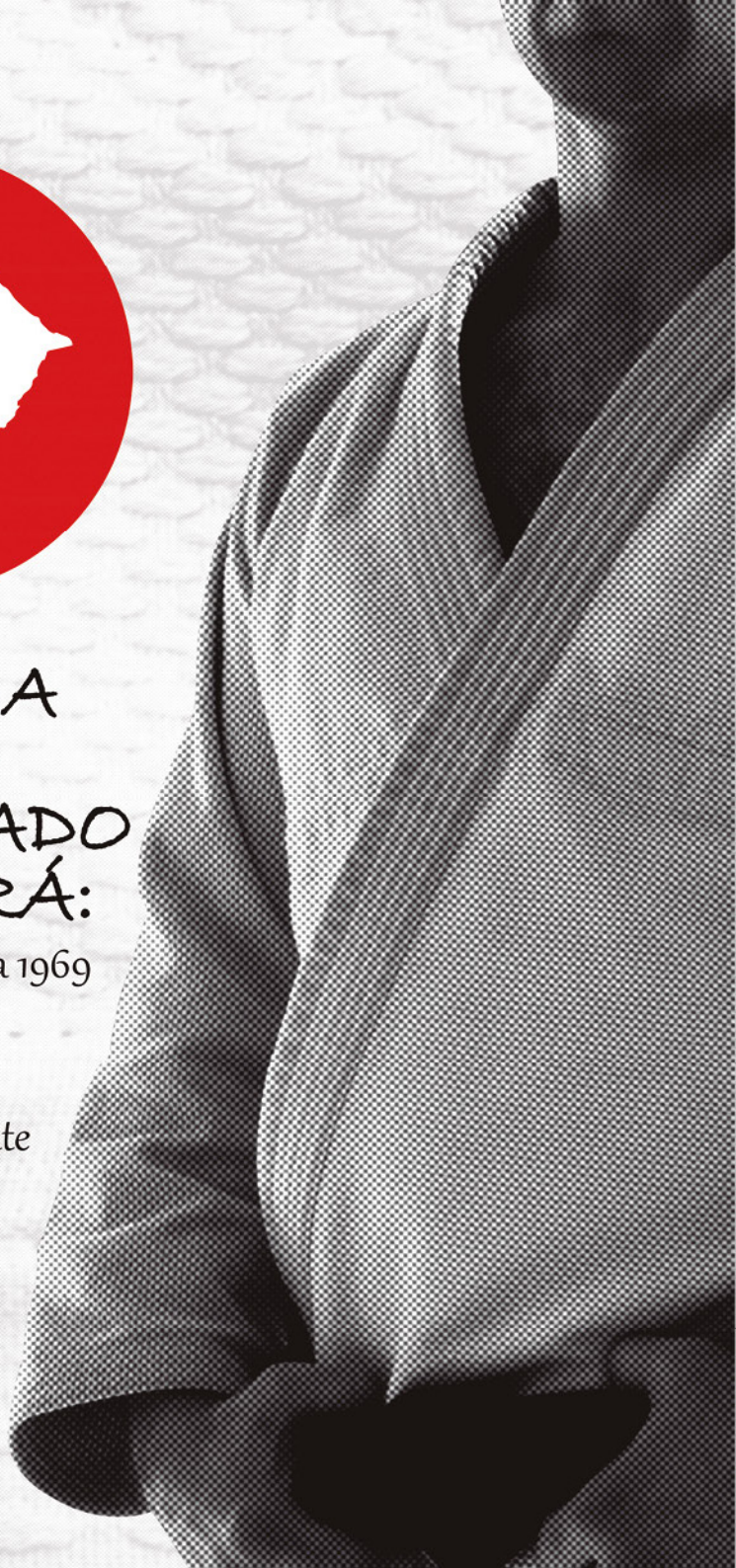


UMA
HISTÓRIA
DO JUDÔ
NO ESTADO
DO CEARÁ:

da década de 1950 a 1969

Jean Silva Cavalcante

**EDIÇÕES
INESP**





ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

UMA HISTÓRIA DO JUDÔ

NO ESTADO DO CEARÁ:
da década de 1950 a 1969

Jean Silva Cavalcante

**UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ:
da década de 1950 a 1969**



Fortaleza - Ceará
2023

Copyright © 2023 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia, Valquiria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

José Gotardo Filho

Revisão

Lúcia Jacó Rocha

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

C376h

Cavalcante, Jean Silva.

Uma história do judô no Estado do Ceará [livro eletrônico]: da década de 1950 a 1969 / Jean Silva Cavalcante. – Fortaleza: INESP, 2023.

120p. : il., retrs. (alguns color.) ; 2470 Kb ; PDF

ISBN: 978-7973-180-8

1. Judô. 2. Esporte – História. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 796.8152

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674

Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Judô é uma forma de luta justa e lícita, e, assim, como outras práticas de esporte que apresentam técnicas de defesa pessoal, apenas terá seu desenvolvimento seguro se amparado no estudo da ciência desportista. O livro *“Uma história do Judô no estado do Ceará: da década de 1950 a 1969”* difunde um aparato histórico fundamental para a atividade, que fortalece, concomitantemente, o corpo e a mente e consolida a convivência, sendo veículo de manifestação social.

Sabe-se que a prática do esporte, também, deve ser fomentada pelo Estado, configurando um direito a ser garantido ao cidadão. Esta Casa Legislativa enxerga a necessidade de ações políticas efetivas voltadas para o esporte e que propiciem não somente a ampliação dos acessos e a qualificação dos indivíduos, mas o desenvolvimento social.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará - Alece, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, tem a honra de disponibilizar esta obra que visa contribuir com o nosso objetivo por um estado que exerça o ser humano de forma integral, qualificando-o como um ser defensivo e contribuinte à defesa e fortaleza do ser humano em meio

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro *Uma história do Judô no estado do Ceara: da década de 1950 a 1969* é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	8
UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969 - Prólogo da Profa. Dra. Andrea Cristina da Silva Benevides.....	9
UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969 - Prólogo do Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira.....	11
UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969 - INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1 - EVOLUÇÃO DO JAPÃO: DA PRÉ-HISTÓRIA A ERA MEIJI	17
Capítulo 2 - CONTOS E LENDAS SOBRE A EVOLUÇÃO DAS LUTAS SEM ARMAS	27
Capítulo 3 - JIGORO KANO: DO JU-JUTSU AO JUDÔ....	33
Capítulo 4 - DO JAPÃO PARA O BRASIL: JUDÔ OU JIU-JITSU?	38
Capítulo 5 - JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: UMA PASSAGEM PELO JIU-JITSU.....	51
Capítulo 6 - UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: DA DÉCADA DE 1950 A 1969.....	59
Capítulo 7 - EVOLUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA GRADUAÇÃO DE FAIXA PRETA	84
Capítulo 8 - YOU(DAN)SHA: UMA RELAÇÃO DE PODERES.....	87
Capítulo 9 - NEM TODO FAIXA PRETA DE JUDÔ É UM PROFESSOR DE JUDÔ	94
Capítulo 10 - KO(DAN)SHA: DE BRANCA A VERMELHA, DE VIR UM OUTRO (SER) "MESTRE"	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
POSFACIO	108
REFERÊNCIAS.....	109
O AUTOR.....	120

AGRADECIMENTO

À Deus, por mais uma conquista.

Ao Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira, 6º Dan de Karatê, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar.

Ao Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves, 2º Dan de Judô, por contribuir no constructo desta obra.

Ao Prof. Nilo Weber de Carvalho Veloso, 1º Dan de Judô (*In memoriam*), através da pessoa do Professor Nilo Weber Caminha Veloso, 1º Dan de Judô, pela contribuição nesta obra.

Ao Prof. Antônio Lima Filho, 9º Dan de Judô (*In memoriam*) e Família, por contribuir no constructo desta obra.

Ao Prof. Hugo Gomes Ripardo, 6º Dan de Judô (*In memoriam*), através da pessoa do Professor Francisco Heleno Gomes Ripardo, 1º Dan de Judô, e Família, por sua contribuição.

Ao Prof. Dr. Francisco Máuri de Carvalho Freitas, 5º Dan de Judô, por sua contribuição.

Ao Prof. Wellington Campos de Araújo, 6º Dan de Judô, por contribuir no constructo desta obra.

Ao Prof. Milton Nunes Moreira, 9º Dan de Judô (*In memoriam*), na pessoa do Professor Nilton Moreira Simão, 6º Dan de Judô, por contribuir no constructo desta obra.

À Federação Cearense de Judô (FECJU), na pessoa do Professor José Marcelo Moreira Frazão, 6º Dan de Judô (*In memoriam*).

Ao Professor Alexsandro Miranda Barbosa, Faixa Preta 5º Dan de Judô, pelas contribuições.

À Professora Maria Elenira Monteiro Thoen, Faixa Preta 2º Dan de Judô, pelas contribuições.

Ao meu Pai, Francisco Eduardo Costa Cavalcante.

À minha Mãe, Maria Aldeniza Silva Cavalcante.

As minhas filhas, Jade Magalhães Cavalcante e Jéssica Magalhães Cavalcante, e ao meu filho, Jean Silva Cavalcante Júnior.

UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969.

Profa. Dra. Andrea Cristina da Silva Benevides

Presidente do Conselho Regional, de Educação Física da 5ª
Região (CREF/5)

PRÓLOGO

Escrever sobre lutas é dialogar com o cotidiano do ser humano desde os primórdios da humanidade. Hoje em dia, sua circulação e apropriação por várias esferas da sociedade, permite sua utilização além do aspecto da defesa pessoal, como desportivo, atividade de lazer e aptidão física, que se manifestam além de serem constantemente associadas a um estilo de vida e orientadas por determinados valores culturais. Sua prática ganha, cada vez mais espaços, em locais como academias de ginástica, clubes esportivos, escolas, entre outros ambientes, em diferentes contextos sociais.

Entender a trajetória histórica de significação das lutas se torna fundamental na sua valorização e utilização como instrumento cultural na sua multiplicidade de sentidos. Seu estudo, nesta brilhante obra produzida pelo autor com vasta experiência no Judô e indiscutível formação científica, Jean Cavalcante, potencializa a compreensão e reflexão sobre a sociedade japonesa e além de sua relação com o embate corporal desarmado e armado, desde sua organização agrária e tribal, até o período de modernização industrial, política e social.

Os saberes e valores sofrem modificações temporais e espaciais, assimilando novos elementos oriundo também de contos e lendas, que auxiliam na construção do conhecimento da transformação de intenções e busca da perfeição na aplicação das técnicas desta luta.

A organização trazida aqui, do percurso da história das tradições marciais japonesas, nos remete à compreensão da criação de normas e princípios metodológicos para facilitar o

aprendizado, que acentuam um lado moral e ético do Judô. Ao excluir as técnicas perigosas, idealizando uma forma de luta completa e eficiente, aparece como uma nova concepção física, mental e moral organizada e difundida ao mundo a partir da ressignificação do *Ju-jutsu* promovida por Jigoro Kano.

No Brasil, lutadores japoneses introduzem o Judô no Rio de Janeiro, Manaus e em outras localidades através da abertura dos portos para a migração nipônica. Chegando ao Ceará, registros e evidências nos remetem a fatos, personalidades importantes e fundamentais que indicam o desenvolvimento e propagação do Jiu-jitsu, como também a implantação do Judô no Estado. A leitura desta obra nos auxilia na construção do conhecimento cearense em sua condição de sujeito histórico na trajetória da consolidação desta modalidade.

Na sua organização, é importante a reflexão trazida de dominação associada à graduação de faixa e sua relação na prática de ensino. A discussão sobre a formação inicial em Educação Física torna evidente a importância dos subsídios científicos na recriação da prática ressignificada do Judô para uma atuação de maneira transformadora.

Fortaleza, 28 de fevereiro de 2023.

UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969.

Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira

Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará
Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física
Escolar (GEPEFE)
Faixa Preta 6º Grau de Karate

PRÓLOGO

Fui convidado pelo autor desta presente obra, Professor Mestre Jean Silva Cavalcante, a escrever o prólogo desta obra, permeado pela palavra **CAMINHO**, que trata da história do Judô cearense, de 1950 a 1969, o que muito me deixou honrado, por três motivos.

O primeiro deles por conhecer de perto a caminhada acadêmica de Jean Cavalcante. Caminho vem do latim antigo – *camminus*; vinculado ao gerúndio *camminum*, interpretado como passo, e, quando acompanhado do sufixo – ar, se torna *camminar*, indicando o avanço por meio de passos em relação a um trajeto desenhado.

O trajeto do autor, foi caminhar pelas produções, participação em grupo de estudo, graduações, especializações e na pós-graduação *strictu sensu*, onde pude o acompanhar no Curso de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde - CMEPES, na Universidade Estadual do Ceará - UECE, quando fui seu professor, participando inclusive de sua banca de defesa de dissertação.

O segundo motivo, e voltando ao caminhar, também, eu e Jean, percorremos a mesma estrada, aquela relativa ao *Bushido*, termo japonês composto pelos ideogramas que representam os símbolos *bushi* – guerreiro, e *do* – caminho, ou seja, o caminho do guerreiro.

Sim, somos guerreiros! Todavia, carregamos a pena (estudos) e a espada (a arte marcial) de forma equilibrada. Eu,

percorri o caminho das mãos vazias, ou seja, o *Karate-do*, tornando-me atleta, professor e faixa preta 6º grau desta modalidade. Já Jean, por sua vez, seguiu o caminho da suavidade, ou melhor, o *Judô*, também atuando como atleta, professor e faixa preta 5º Dan.

Já o terceiro motivo se volta para a importância deste livro. Escrever sobre história, ou histórias, se faz relevante, para que as memórias não se percam. Também pude escrever um livro sobre uma história do *Karate* no estado do Ceará e sei das dificuldades de se produzir obras assim, que demandam olhares de interpretação pois, muitas vezes, as mesmas histórias são contadas de formas diferentes para os personagens envolvidos e cabe ao autor, e Jean, faz isso com primazia, interpretar os dados com imparcialidade.

O livro apresenta a história do *Judô* desde a Era Meiji, passando por Jigoro Kano, fundador da arte, sua caminhada do Japão ao Brasil e, conseqüentemente, no Estado do Ceará. O texto ainda fornece informações sobre a graduação de faixa preta, a relação de poderes dos *Youdanshas*; e, por fim, disserta sobre a função do professor e do mestre de *Judô*.

Assim como o grego *Pheidippides*, um guerreiro ateniense, que no ano de 490 a.C., percorreu um caminho de cerca de pouco mais de 40 quilômetros para buscar ajuda de Esparta, antes da batalha de Maratona (daí o nome da prova maratona, no atletismo), o leitor deve se apoderar da obra, lendo-a sem perder o foco, a determinação e a sede de aprender, para, imitando *Pheidippides*, levar uma mensagem de conhecimento a outros judocas ou interessados no tema, tão importante para o entendimento do *Judô* em terras alencarinas. **Oss!**

Fortaleza, 28 de fevereiro de 2023.

UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: da década de 1950 a 1969

INTRODUÇÃO

O transcurso do homem na terra, dos primórdios a atualidade, é vastamente descrito nos livros, “[...] isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido (NIETZSCHE, 2007)”, também apresentado em filmes, discutido de maneira informal ou cerceada de cientificidade no meio acadêmico.

Não é incomum na atualidade surgirem novas descobertas sobre esta evolução, que por vezes, geram *lise* de paradigmas, tendo em vista os marcos, os achados, os perdidos, os contos, as lendas e os mitos, que conforme Barreto e Gozzi (2019, p. 81), “[...] nos ajudam a entender melhor a própria natureza humana [...]”, pois permeiam este constructo, proporcionando novas visões e conceitos; realidade esta que ocorre no Judô.

O Judô, envolto de ciência, também passou e passa por constante evolução e desenvolvimento, mediante os estudos realizados diante das inquietações, buscando elucidações para questões outrora não respondidas ou fragilizadas na inconsistência de suas respostas.

Pelo exposto anteriormente e no intuito de clarificar historicamente a gênese do Judô no Estado do Ceará, apresentando aqueles que foram os pioneiros do Judô cearense e os seus contributos; é que esta obra foi construída.

Doravante, este passa a ser de forma inédita, o primeiro livro genuinamente cearense que apresenta *Uma História do Judô no Estado do Ceará: da década de 1950 a 1969*; mas para chegarmos até o Judô em terras alencarinas e conhecermos nossa linhagem, esta obra traz antecipadamente em seus escritos o berço do “caminho suave”, percorrendo seus períodos constitucionais desde a pré-história japonesa, perpassando pelo seu Período Feudal, onde se deu o início das formas de lutas sem armas, até a “Era Meiji”; período em que foi constituído o Judô.

No interim constitucional do Judô, pressupostos mitológicos e lendas orientais que motivaram a sua criação alicerçaram a sua origem, através das formas de Jiu-jitsu, que evoluídos para o Judô, foi propagado por Jigoro Kano e seus alunos em todo o Japão, no Mundo e notadamente no Brasil; podendo desta forma ser identificada a árvore genealógica do Judô Cearense desde os Professores de Kano.

Com um olhar em prospecção acurada sobre a atuação profissional dos Professores de Judô atuais, em destaque os do Estado do Ceará e sobre aqueles com mais tempo de atuação na docência desta forma de luta; neste interim, naturalmente houveram mudanças “[...] *as relações ficaram mais próximas e a nova ordem mundial nos convida a sermos participantes ativos dessas mudanças, de forma reflexiva, pensada, consciente e aberta para o novo* (CAVALCANTE, ARAUJO & SILVA, 2021, p. 63)”, estudando; em uma busca incessante de otimizar o conhecimento. Não sendo cabível aceitar o Faixa Preta de Judô, somente com os saberes técnicos desta forma de luta, para atuar profissionalmente na docência, tendo em vista nem todo Faixa Preta ser Professor de Judô ou mesmo ter subsídios para além do saber ensinar.

A realidade anteriormente apresentada, parece também cercar os Faixas Preta de alto grau, os Kodanshas; enfaticamente aqueles que obtiveram sua graduação contempladas por ações denominadas de artesanais, evidenciando-se os “*mestres de ofício*” como afirmam Drigo (2009); Drigo & Cesana (2011), ficando restritos a conhecimentos amíúde, como afirma Foucault (2009, p. 10), “[...] *sem ordem, sem encadeamento, sem formas, sem beleza, sem sabedoria*”, para ser um real representante do Judô no Mundo.

Gerações antigas de Faixas Preta e Kodanshas estão celestialmente firmados. Uma nova geração de Faixas Preta e Kodanshas estão por vir e se espera que com estes e com a contribuição dos mais experimentados possamos contar com a apropriação do conhecimento ampliado, para que envoltos de sabedoria consigamos “[...] *efeitos específicos do poder* (FOUCAULT, 2007)”, mas não o poder do domínio, da institucionali-

zação, da força; mas sim do poder do saber fazer através das relações, que possibilite uma mudança conceitual, procedimental e atitudinal.

Acreditamos que este livro possibilitará um novo conceito sobre o Judô cearense, mas para que isso ocorra o procedimento recomendado e que você possa ter a atitude não somente de ler esta obra, mas de propagá-la, para que novos saberes possam ser agregados, tendo em vista o conhecimento ser inacabado e ninguém puder tirá-lo de você, pois como afirma Kuhn (2013, p. 44), *“Sábios amantes dos fatos, que tentam determinar a verdade sobre alguma coisa, não enunciam uma “teoria da verdade”.*

“Conhecereis a verdade e
a verdade vos libertará”.

João 8:32

Capítulo 1

EVOLUÇÃO DO JAPÃO: DA PRÉ-HISTÓRIA A ERA MEIJI

"A história é absolutamente fundamental para um povo. Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai".

Dom Bertrand de Orleans e Bragança

A história é fundamentada pela memória, alicerçada pelo estudo e conhecimento; fato que nos remete a rememorar o homem nos primórdios da sua existência.

Conforme Tubino (1992, p. 15), *"O homem da Pré-História, especialmente o da Idade da Pedra, tinha suas atividades físicas impostas pela necessidade da própria sobrevivência, o que pode ser explicado pelas constantes lutas a que se submetia [...]"*.

Sabemos que os japoneses são apontados como guerreiros, lutadores desde sua gênese. Os embates históricos, por eles vividos, existiram desde a sua constituição, tendo como pressuposto a busca pelo poder, através do domínio de terras, tendo em vista o Japão ser um compendio de ilhas. O *"Japão é um grupo de belas ilhas montanhosas no Oceano Pacífico, na costa oeste da Ásia. Está separado da Rússia, China e Coreia pelo Mar do Japão"*, mas parece que nem sempre foi assim, conforme o período Pré-Jomon (GASKIN & HAWKINS, 2004, p. 08, "tradução nossa").

Segundo Rosa (2012), o ***Período Pré-Jomon***, teve início em 20 mil a.C., onde o arquipélago japonês fazia parte da pla-

ca asiática, há mais de 100 mil anos. Notadamente a terra era habitada, pois os achados de fósseis humanos e de elefantes pré-históricos, parece ter sido o motivo da migração dos povos do norte para o Japão. Neste período *“os habitantes do Japão viviam da caça e da pesca, utilizando-se de instrumentos de pedra, conseguidos através do lascamento. Este era o período da Pedra Lascada ou Paleolítico e pouco se sabe a respeito deste (ROSA, 2012)”*.

O **Período Jomon**, teve início por volta de 8 mil a.C., no entanto os japoneses ainda mantiveram a caça e a pesca como hábitos de sobrevivência, mas evolutivamente utilizaram da pedra polida, caracterizando a era Neolítica japonesa. Neste período também o arco, a flexa e a lança surgiram como opção aperfeiçoada para a caça, se sobressaindo o aperfeiçoamento da cerâmica como marco referencial deste período. Conforme Rosa (2012), *“as tribos, vivendo em sociedade, neste período compartilhavam o mesmo espaço”*. As casas eram feitas de galhos de árvores, cobertos por palha, fincados em valas feitas na terra.

O **Período Yayoi** ou **Yamato**, teve início aproximadamente entre 100 a 200 anos a.C., sendo caracterizado pela cultura do arroz e pela utilização do metal junto da pedra polida. O cultivo do arroz, foi determinante para divisão dos trabalhos e o soerguimento de uma classe dirigente, pois os imigrantes se associavam aos clãs poderosos em momento de guerras onde a vitória estava garantida.

A par com a cultura do arroz, estes migrantes, que trouxeram as técnicas de tecelagem, costura e criação do bicho da seda, formaram grupos de trabalho, o dos artífices, para a manufatura de instrumentos de metais, o dos comerciantes, vendedores de potes de barro e, por fim, o dos agricultores. Este fluxo migratório se fixou notadamente ao sul do Japão (ROSA, 2012).

A cultura agraria e tribal foi determinante para o surgimento de alguns reinos como o do Kyushu e das guerras tam-

bém, que viram a paz quando a Rainha Himiko assumiu em 188 d.C., desta feita unindo vinte e oito (28) nações como o nome de reino de Yamatai; mas com a morte da Rainha, as guerras retornaram e Yamatai precisava continuar, e diante do impasse Lyo de treze (13) anos assumiu o fardo.

Paralelamente ao reino de Kyushu, o reino de Yamato dominava as nações ao norte de Kyushu e o chefe de Yamato de nome Okimi ou Oaiwô (grande rei) posteriormente, passou-se a denominá-lo Tennô (imperador). *“Os indícios levam a crer que a origem dos imperadores japoneses esteja em Yamato (ROSA, 2012)”*. Ligado a Yamato, estão ainda a escrita Kanji e o Budismo, oriundos da China e da Coréia.

O **Período Asuka**, iniciado em 604 d.C., teve em sua gênese a consolidação do reino de Yamato unificando todo o Japão, estando ligado a este período a introdução do Budismo e as relações com a China. Shôtoku, emergido do governo de Suiko, em Yamato, determina uma estratificação da gestão do país, em doze categorias seguindo os preceitos educacionais de Confúcio e proliferando o Budismo.

Com a morte de Shôtoku, Kotoko que se tornara imperador, sugeriu a reforma Taika em 645; reforma esta que tinha preceitos agrários e a elevação do poder da corte imperial (ASAKAWA, 1963; BATTEN, 1986). Com a Reforma Taika, o imperador fortaleceria o seu poder em detrimento dos aristocratas, e *“em troca das terras, os aristocratas tornar-se-iam funcionários do governo (ROSA, 2012)”*. Segundo Rosa (2012), *“A Reforma Taika, de 645 é um marco que os historiadores utilizam para demarcar o final do período Asuka”* e com o final deste período, inicia-se o período Nara.

Iniciado em 710 d.C., o **Período Nara**, nomeadamente em alusão a cidade Nara, que se tornara a capital do Japão, teve marcadamente este período pela evolução da arquitetura, da escultura e do Budismo que prosperou.

No campo das letras, surgem obras significativas. As narrativas Kojiki e Nihon Shoki, possivelmente as primeiras fontes da história

japonesa, escritas em kanji chinês, contêm lendas a respeito da família imperial, remetendo sempre ao “tempo dos deuses” (ROSA, 2012).

A riqueza produzida neste período, ficou somente para a classe abastada, estando a classe menos favorecida em seu estado de pobreza, tendo direito a parcelas das terras desde que cultivassem e pagassem os tributos, evidenciando-se o feudalismo japonês.

Segundo Monteiro (1987, p. 05), Feudalismo é o modo de produção no qual as relações sociais de produção estão baseadas na servidão; a propriedade dos meios de produção está dividida entre a classe dominante, a nobreza feudal, e a classe dominada, os servos, cujo objetivo fundamental da produção é o valor de uso.

No Japão, o Feudalismo, segundo Schipanski (2009, p. 41), se caracterizou como o “[...] período no qual predominou no interior da sociedade uma forma de organização política descentralizada, assentada na modalidade de economia rural, fechada e de subsistência, produzida pela força do trabalho servil”.

Já o **Período Heian**, teve início em 784, com a mudança da capital de Nara para Heain, motivada pelas intrigas dos monges budistas que se fortaleciam como classe. Tal mudança trouxe de volta o conceito nativo de se viver, enfatizando a sofisticação japonesa, e desta feita a família Fujiwara logo tomou o poder se aproximando da família imperial realizando enlances matrimoniais ao ponto de exercer poderes sobre o imperador; “*paralelamente, o campo entra em colapso ficando as terras concentradas nas mãos das famílias poderosa, dos budistas e dos fazendeiros influentes* (ROSA, 2012)”.

Por fim, o governo teve que reconhecer a sua dificuldade em manter as terras. Na época,

tinha aumentado o ataque das tribos Ezo vindos do norte do país. Para combatê-las, foi mandado um grupo de soldados profissionais. A mesma tática foi adotada pelos governadores das províncias e donos das terras agrícolas. Eles formam uma guarda particular, recrutando os soldados dentro de seus próprios clãs, de partidários e seguidores. Esta é a origem dos Samurais (ROSA, 2012).

Em 1192 termina o Período Heian, e se inicia o ***Período Kamakura*** que se estende até 1600. Estrategicamente o clã Heike e Genji (formado por Samurais), consanguineamente se misturam com a classe imperial, na busca do poder. Taira que também era chamado de Heike, chega ao poder antes do Genji com a queda da família Fujiwara, proporcionando aos imperadores a tentativa de restaurar o seu poder, sendo este “*o período em que se inaugura a época dos Imperadores Enclausurados (ROSA, 2012)*”. As intrigas de outrora condicionam a rebelião, desgaste da corte e fortalecimento dos Samurais Heike.

No Período Kamakura os Heike são derrotados pelos Genji, na batalha naval de Danno-ura e estes assumem o poder, tendo exterminado todo o clã Heike. Assim sendo iniciasse o Shogunato (Shogun¹) que perdurou por quase 700 anos; com este feito a capital muda para Kamakura, sendo gerenciada por dois governos; o do imperador, e o do Shogun, evidenciando o enfraquecimento imperial.

Consolida-se neste período, o poder dos Samurais, tendo em vista as duas tentativas de invasões Mongóis, que foram frustradas nas duas ocasiões pelos fortes ventos, ou como ficaram conhecidos Kamikaze². O Poder dos Samurais se estabeleceu nos feudos e aumentaram a sua autonomia distanciando-se do poder central, aumentando as intrigas e por conseguinte tornando-se inevitáveis as guerras internas. Segundo Rosa (2012), “*enquanto a classe guerreira se fortalece, são criados có-*

1 Título outorgado pelo imperador ao guerreiro de sua confiança, generalismo.

2 “Vento Divino”.

digos que regulamentam as relações entre os seus membros. É o código moral dos Samurais”.

Envoltos pela relação de servidão caracterizados pela importância do que era produzido aos olhos da classe dominante e da nobreza, e pela busca constante de bens de produção, estes foram motivos das constantes guerras internas no Japão, tendo em vista a busca incessante da classe dominante em acender a nobreza sem perder a posse da classe servil e das terras conquistadas diante das guerras.

Os clãs, constituídos pelos Samurais, foram delineadores das guerras internas no Japão, onde o embate corporal desarmado apontava o prelúdio das formas de jujútsu e o embate armado tinham a supremacia das ações militares com seu material bélico, as espadas; sem perder a ética delineada pelos princípios do Bushido³.

As guerras desgastaram o poder central dos Shoguns e os imperadores tentaram recuperar o poder, auxiliados por alguns Shoguns insatisfeitos com a atual conjuntura, mas ainda assim as guerras persistiram com os feudos. Frente a guerra civil a poesia, a cerimônia do chá e o teatro foram preservados pelos nobres.

Neste período, Nabunaga Oda trai Ashikaga, que cai; tornando-se Oda o unificador do Japão findando as guerras, tendo este se unido a Leyasu Tokugawa na guerra de Nagashino, derrotando seu maior inimigo Shingen Takeda, mas conforme Rosa (2012), Oda é traído pelo “[...] *general Mitsuhide Akechi, depois morto por Hideyoshi Toyotomi, o continuador de Nobunaga Oda*”.

Mais hábil que os seus antagonistas Nobunaga Oda e Hideyoshi Toyotomi, Leyasu Tokugawa conseguiu obter o poder após a derradeira vitória na Batalha de Sekigahara em 1600. Tokugawa era mais um político, que sabia esperar, do que um guerreiro (ROSA, 2012).

³ Código de Honra dos Samurais.

O **Período Edo** ou **Período Tokugawa** teve início em 1603, com a mudança da capital para Edo (hoje Tóquio), na expectativa que não houvesse mais embates provocado pelos feudos.

A época em que viveu Musashi foi de enorme importância na história do Japão. Com a consolidação do Xogunato Tokugawa, que durou de 1603 a 1867, o país ingressou num longo período de paz interna e quase a total isolamento internacional (MUSASHI, 2015, p. 29).

Com Tokugawa no poder, as tentativas de guerras foram suprimidas e as divisões das classes sociais foram evidenciadas prevalecendo os Samurais, os lavradores, os artesãos e os comerciantes.

Figura 1 – Brasão do Shogun Tokugawa.



Fonte: gratispng

Estabelecidas as classes sociais e objetivando a reconstrução do país; expulsar os estrangeiros foi uma determinação do Shogun, assim como banir o cristianismo e fechar os portos para todos os navios estrangeiros, mas os problemas internos permaneciam com embates por terras.

Diante da importância dos comerciantes estabelecida, estes fomentaram a expansão interna do Japão, com o desenvolvimento das cidades, das indústrias, da cultura que antes estava nos palácios, tornando-se doravante popular. Neste patamar “*a escola deixa de ser um privilégio dos nobres (SANTOS, 2019)*”, e a partir deste feito todos tem acesso à leitura e a escrita, segundo Rosa (2012), “*nunca se produziu tanta literatura como nesta época*”.

Com a mudança nos setores e baixa nas guerras, a classe dos Samurais entrara em desuso, se sobressaindo a classe dos Chōnin⁴, que pareciam ter “pensamentos iluminados” em perspectivas expansivas de um Japão moderno e aberto para o Mundo.

Em 1868 se registrou o colapso da dinastia Tokugawa e seu governo militar Bakufu encabeçado pelo Shogun a máxima autoridade militar do antigo Japão da linhagem da família Tokugawa, estabelecido em 1603, finalizando assim a era feudal e gerando então o nascimento de um estado moderno que incluiu o estado Meiji (NOGUEROLLES, 2009, p. 25, “tradução nossa”).

O ***Período Meiji, Era Meiji ou Restauração Meiji***, tem início em 1868, foi marcado pelo fim dos Shoguns e com o avanço da busca de mercado comercial se expandia a necessidade de abrir o Japão para o mundo. Assim sendo, “*A chegada de um navio norte-americano, o Comodoro Perry, em 1854, abriu para o mundo as portas do Japão. O isolamento deliberado do Japão terminou (WHITE, 1980, p. 13)*”.

Movido pela pressão internacional pela abertura dos portos, promovido pelo comodoro *Mathew Perry* e com a queda do Shugun Tokugawa, estando restabelecido os poderes do imperador na pessoa de Mutsuhito, este aponta a reestruturação nacional, começando pelos Samurais que não eram mais necessários, assim como a suas práticas de guerra, por conseguinte

⁴ Comerciantes.

"[...] o Jiu-jitsu/Jujútsu foi considerado uma relíquia do passado (MONTEIRO, 1998)".

Dessa forma, também as artes marciais perderam a sua razão de ser, não servindo como meio de vida para quem somente sabia lutar, como para Kawanishi Libuku, do estilo Kito-Ryu, que se tornou mero funcionário de baixa categoria dos correios (VIRGÍLIO, 2002).

A denominação de povo guerreiro atribuída por alguns ao Japão fez-se presente mais uma vez, pois em desentendimento com a China, o "País do Sol Nascente" experiencia sua primeira guerra bélica internacional, onde saem vencedores; fortalecendo assim o espírito militar japonês que ainda era latente. Não muito distante um embate do Japão com a Rússia, faz outra vez os japoneses saírem vitoriosos, se tornando *"a nação mais influente na Ásia (ROSA, 2012)"*.

O fortalecimento interno do Japão, assim como a modernização industrial, política e social foi determinante no Período Meiji, sobressaindo ainda a tradução e leitura dos clássicos ocidentais, fatores estes que delinearam outras histórias.

Segundo Cambi (1999, p. 37), A história é um organismo: o que está antes condiciona o que vem depois; assim, a partir do presente, da contemporaneidade e suas características, seus problemas, deve-se remontar para trás, bem para trás, até o limite da civilização e reconstruir o caminho complexo, não linear, articulado, colhendo, ao mesmo tempo, seu processo e seu sentido.

Tabela 1 – Períodos Evolutivos do Japão.

CARACTERÍSTICAS DOS PERÍODOS								
Pré Jomon	Jomon	Yayoi	Asuka	Nara	Heian	Kamakura	Edo	Meiji
20 mil a.C.	8 mil a.C.	100 a 200 a.C.	604 d.C.	710 d.C.	784 a 1192	1192 a 1600	1603	1868
Paleolítico	Neolítico	Arroz; Início do Feudalismo	Início do Budismo	Evolução Arquitetura Escultura Budismo	Ênfase no Feudalismo	Imperadores Enclausurados	Isolamento Político Econômico Social	Renovação Iluminação Fim do Feudalismo

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Condicionado ao seu processo evolutivo, o Japão em cada período apresentou características, nas quais algumas se consolidaram, outras parecem ter sido suplantadas com o tempo, ficando fadados a contos e lendas.

Capítulo 2

CONTOS E LENDAS SOBRE A EVOLUÇÃO DAS LUTAS SEM ARMAS

"A maioria das pessoas vem ao mundo apenas para viver, outras tantas para fazer história, porém são poucas as que nascem para ser uma lenda".

Will Smith (Eu sou a lenda)

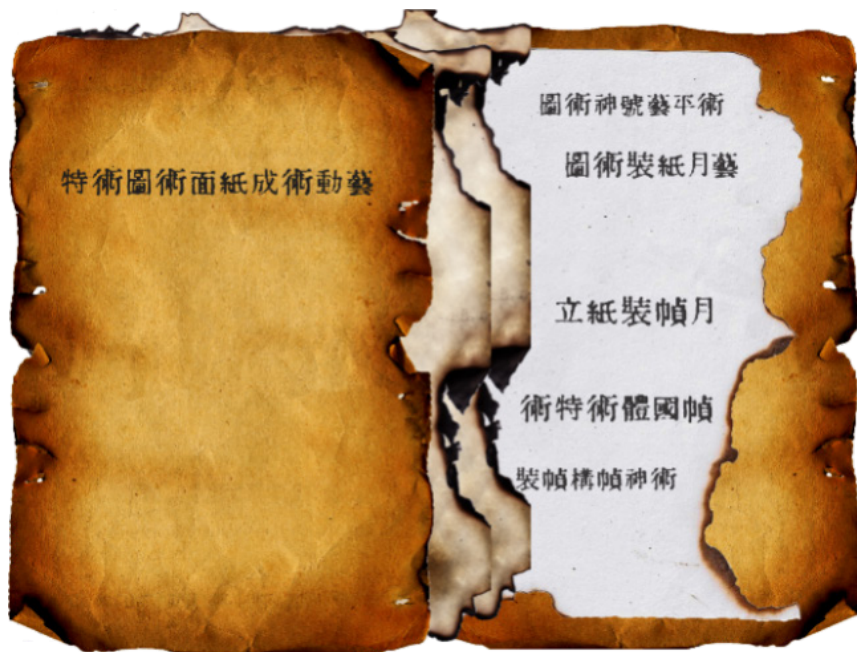
Os contos e as lendas por vezes mitificam personagem, as vezes reais ou inventados, com histórias verídicas ou mesmo não fundamentadas contadas por gerações; muitas envolvendo embates, conflitos, lutas. As lutas desenvolvidas nos povos trazem em si as características apresentadas anteriormente, por vezes imprecisas no transcurso temporal.

A partir de três mil anos antes de Cristo, torna-se nítido e seguro, gradualmente afirmar que, quase todos os povos da antiguidade tiveram alguma forma de luta esportiva ou bélica, que remonta os conflitos hindus, chineses e japoneses que se tornaram conhecidos por volta de 2000 a.C. (DIEM, 1966).

Segundo Calleja (1989, p. 07), *"O início do desenvolvimento histórico do combate corporal se perde na noite dos tempos"*,

onde “*não se pode reconstruir a origem e a história da maioria das lutas orientais sem arma (LASSERRE, 1969, p. 215)*”. Segundo Calleja (1989, p. 07), “*A luta, inclusive por necessidade de sobrevivência, nasceu com o homem e, a esse respeito, os documentos remontam aos tempos mitológicos*”, pois um documento antigo, segundo Klinglerstorff (1968, p. 15, **grifo do autor**), conhecido como “***Takanogawi***, relata que os deuses Kashima e Kadori mantinham poderes sobre os seus súditos diante de suas habilidades de ataque e defesa”.

Figura 2 – Takanogawi.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Klinglerstorff, 1968.

Virgílio (2002), nos afirma, baseado em alguns historiadores japoneses, que o mais antigo combate corporal real registrado ocorreu 230 a.C., na presença do imperador *Suinim*. *Taima-no-Kehaya* e *Nomi-no-Sukume* foram

os protagonistas deste embate histórico, sendo findado com o óbito de *Kehaya*, atingido por um ponta pé em um ponto vital.

“Naquele tempo, não haviam regras de combate padronizadas. As lutas poderiam desenvolver-se até a morte de um dos competidores (CALLEJA, 1989, p. 07)”. Segundo a Kodokan (1964, p. 02), *“Chicara-Kurabe”*, foi o nome do evento onde Sukume foi o vencedor, sendo este, conforme Mesquita (2014, p. 05), *“uma importante prova histórica, mostrando o estado embrionário do Ju-jitsu”*.

Em tempos por nós não vividos, os contos e as lendas apontam para o surgimento de algumas formas de lutas, pois de acordo com Klingerstorff (1968, p. 15), *“segundo uma versão, por volta do ano de 1650, Chin-Gen-Pin, que era Chines, desenvolveu algumas técnicas denominando-as de TES, que tinham a intenção de causar danos sérios aos oponentes ou mesmo a morte”*. *“Versa-se ainda que Chin-Gen-Pin foi a Edo (Atualmente Tóquio), vender seus segredos aos Daymios⁵ (KLINGERSTORFF, 1968)”*.

Conforme Calleja (1989), Chin-Gen-Pin, que também era Monge, já residindo no Japão, fez amizade com três Kachins⁶, e desta amizade findou-se no ensino de algumas “TES” para os Samurais inferiores, que embelezados com o que poderiam fazer diante do aprendizado, enfatizaram os treinamentos no intuito da busca da perfeição na aplicação das técnicas.

Mesquita (2014, p. 09), relata que Chin-Gen-Pin/Chen Yuan Ping, ao findar uma das suas aulas no período da noite, foi acompanhado dos três Kachins e quando caminhava pelas escuras ruas *“ao atravessar a muralha da cidade, foi surpreendido por bandidos armados”*. Desta feita os Kachins entraram

⁵ Termo genérico que se refere a um poderoso senhor de terras no Japão pré-moderno.

⁶ Samurais Inferiores.

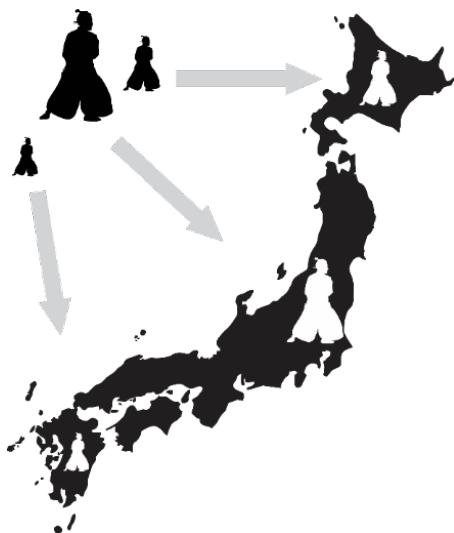
em embate com os bandidos, mas sem efeito de contenção dos agressores, estes logo desarmaram os Samurais inferiores.

O pacífico monge chins, rápido como um relâmpago, colocou-se frente a frente com os bandidos, e com incrível habilidade derrubou alguns dos agressores, e sem compreenderem bem o que estava acontecendo se puseram em fuga (MESQUITA, 2014).

Diante do presenciado pelos três Kachins, estes se propuseram incessantemente a que o chins os ensinasse as técnicas usadas no embate, que inicialmente relutou no ensino, mas que logo os ensinara a cada um “[...] *algumas técnicas em absoluto segredo* (MESQUITA, 2014, p. 10)”.

Com as técnicas aperfeiçoadas “[...] *Fukuno Hichiroemon, Miura Yojiemon e Isogai Jorozaemon, inspirados em seus aprendizados [...]* (KANO, 2008, p. 16)”, individualmente desbravaram o Japão, repassando aos seus discípulos as suas técnicas, nos quais “*estes, por sua vez, fundaram suas próprias escolas/academias [...], onde foi se desenvolvendo um tipo de luta que teria sido denominado jujútsu* (CALLEJA, 1989)”.

Figura 3 – Kachins Ensinando Suas Técnicas No Japão.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Conforme Klingerstorff (1968), *“outra lenda aponta que um doutor japonês, conhecido como Akiama Shirobéu Yoshitoki, quando residia na China, estudou profundamente esta forma de luta sem armas, com um Professor chinês chamado de Hapil-tei ou Pao-chuan”*.

No desenvolvimento dos seus estudos *Akaiama*, percebeu que uma das “TES”, exigia na sua execução um nível de força maior. O doutor japonês observando o procedimento de uma cerejeira e um salgueiro durante um dia de tempestade, constatou que os ramos da cerejeira se quebravam quando levantados pelo vento, enquanto os ramos fracos, no entanto flexíveis do salgueiro dobravam-se, resistiam. *“Ele percebeu que uma força superior podia ser vencida pela flexibilidade e adaptabilidade (WHITE, 1980, p. 12)”*.

Da observação do salgueiro, se diz haver *Akiama Shirobéu*, aumentado sua “TES” para aproximadamente cem, e desta feita fundado a escola de nome “[...] ***Yoshin-Ruy*** ou ***Coração de Salgueiro***, que detinha técnicas de projeção, luxação, estrangulamento e restabelecimento (VIRGÍLIO, 2002, ***grifo do autor***)”, no entanto a Tenshin Shinyo Ryu, de Okayama Hochiroji desenvolveu o “Atemi Waza”⁷.

A lenda, expressada por Klingerstorff (1968), nos diz que logo após a fundação da escola do coração do salgueiro outras escolas se espalharam pelo Japão com denominações diferentes, sendo difundido o Jiu-Jitsu.

“A origem exata do jiu-jitsu não é totalmente esclarecida, mas segundo registros, o seu surgimento foi na China, com os monges budistas (DUMONT, 2018, p. 72)”. De acordo com Tegner (1969, p. 15), baseado nas lendas, *“Apesar das divergências teóricas parece haver acordo generalizado em que os primeiros que usaram técnicas de lutas desarmados foram os monges chineses [...]”*.

Jigoro Kano, em opinião própria, nos afirma que o Jiu-jitsu, foi criado em sua totalidade pelos japoneses, pois a teoria de que o Jiu-jitsu começou na era dos deuses é uma invenção puramente japonesa e a teoria em que Akiama foi o fundador

7 Técnicas de pancada nos pontos vitais.

do Jiu-jitsu e referendada por um único grupo dentro da escola Yoshin-Ryu, já a crença sobre Chen Gen Pin/Chen Yuan Ping, segundo Kano (2008, p. 16), *“é questionável, pois ele foi para o Japão em 1659 e faleceu em 1671”*.

Se Chen Yuan Ping trouxe o ju-jutsu para o Japão, provavelmente era apenas sob a forma de Kendo e Hakuda, artes marciais praticadas naquela época na China, e não as formas nativas de ju-jutsu praticadas no Japão. Na verdade, existem textos que demonstram que Chen Yuan Ping trouxe apenas o Kenpo para o Japão (KANO, 2008, p. 16, 17).

Segundo Kano (2008, p. 17), *“Uma consulta aos livros chineses da época revela que Kenpo e Hakuda eram técnicas que envolviam principalmente chutes e empurrões”,* desta feita tornando-se impossível um progresso tamanho ao nível do Ju-jutsu japonês. *“Por essa razão por mais que Chen Yuan Ping tenha ensinado o Kenpo, deve-se dizer que o verdadeiro ju-jutsu reverenciado por nossos predecessores foi criado e estabelecido pelos japoneses (KANO, 2008, p. 17)”*.

Pelo apresentado anteriormente, conforme Kano (2008), existe a possibilidade que Chen Yuan Ping, tenha ensinado técnicas de Kenpo para Fukuno, Miura e Isogai, mas por todas as razões apresentadas anteriormente é impossível alguma ligação especial de Chen Yuan Ping com a origem do Ju-jutsu.

Por este motivo, o ano ou mesmo o mês de início do Ju-jutsu não é preciso, no entanto é possível afirmar que por gerações antigas houve uma evolução diante da genialidade de várias pessoas, no qual esta forma de luta transcorreu historicamente o Japão em suas eras sendo uma delas o período Pré-Tokugawa.

Distanciando-se das lendas, Kano (2008, p. 15), nos diz que *“Uma verdadeira compreensão do Judô necessariamente envolve algum conhecimento da história das tradições marciais do Japão, em particular do Ju-jutsu”*.

Capítulo 3

JIGORO KANO: DO JU-JUTSU AO JUDÔ

"A evolução do homem passa, necessariamente, pela busca do conhecimento".

Sun Tzu

Cada homem vive a sua época, no entanto ouvir a sua vocação não é fácil. Determinar-se no constructo de um bem para a humanidade, diante da sua cultura, requer deste homem uma sensibilidade frente ao contexto no qual está inserido, que transcende o tempo vivido possibilitando um legado para eternidade, como fez Jigoro Kano.

Em meio ao processo de modernização do Japão, com o advento da "Era Meiji", *"nasce nesse cenário, no dia 28 de outubro de 1860, em Miake, Jigoro Kano (SANTOS, 2014)"*; sendo ele pelo lado paterno, filho de um Almirante da Marinha Imperial e pelo lado Materno, filho de uma família produtora de saquê.

Datado em 1869, após a morte de Sadako, mãe de Jigoro Kano; seu pai decide ir residir com os três filhos na capital. Na capital, Kano foi matriculado na escola Ikuei Gijuku, onde princípios de bullying o cerceava tendo em vista seu porte físico ameno (SANTOS, 2014), mas ele sempre pensou em uma forma de se defender dos abusos.

"Quando criança Jigoro Kano, ouvia falar no Ju-jutsu, forma de luta em que uma pessoa mais fraca poderia vencer o mais

forte (KANO, 2008)”. Após ter este conhecimento, Kano se destinou a procurar por esta forma de luta; fato que o direcionou a encontrar Nakai, um ex-militar que conhecia o Ju-jutsu. Mas Nakai frustrou Jigoro Kano, o afirmando que naquela época não era mais necessária a prática da forma de luta, ainda assim “Jigoro Kano continuou na busca, mas obtinha sempre respostas negativas (SANTOS, 2014)”, neste interim só lhe restava dar continuidade aos estudos.

*Após graduar-se pela Academia de Kaisei e formar-se pela Escola de Línguas Estrangeiras em Tóquio, no ano de 1874, Kano ainda sendo molestado em virtude do seu porte físico, depois de constante procura, lhe indicaram **Hachinosuke Fukuda**; que sob orientação deste, Kano iniciou no Ju-jutsu na escola “Coração de Salgueiro”. No entanto como mortal, “*Fukuda aos 82 anos falece, sendo Kano herdeiro dos seus documentos (SANTOS, 2014)”.**

*Na busca de aperfeiçoar seus conhecimentos, Kano encontrou **Iso**, que detinha saberes sobre a escola Tenjin-Shinyo, no qual tornara-se aluno e seguia nos estudos, mas a morte de Iso circunstancialmente o deixou outra vez sem Professor de Ju-jutsu, fato este que foi temporário, pois conforme Maçaneiro (2012), “*Jigoro Kano passou a ser aluno de **Likugo**, que lhe ensinou as técnicas da escola Kito, que preconizava o uso de armaduras em combate”.**

Tabela 2 – Professores de Ju-jutsu de Jigoro Kano.

Professores de Jigoro Kano		
Hachinosuke Fukuda	Masatomo Iso	Tsunetoshi Likugo
Yoshin-Ryu	Tenjin-Shinyo-Ryu	Kito-Ryu

Fonte: Elaborado pelo Autor.

“Cada luta se originou em determinada época e local e sua evolução tem uma história própria. No entanto, o desenvolvimento de algumas modalidades cruza no tempo e no espaço com outras (FERREIRA, 2012, p. 28)”, desta forma Jigoro Kano,

analisando suas práticas e conhecimentos adquiridos com os três professores e sensível a mudança ao qual o Japão passava, tendo em vista o desuso dos Samurais e das várias formas de Ju-jutsu, ele continuou os estudos e idealizou o Judô.

Jigoro-Kano deu início ao Judô em um cômodo alugado no templo de Eishoji, em Shitaia, o qual era utilizado como sala de estudos, quarto para dormir, academia e até cozinha, e foi ainda com doze tatames que no dia 12 de junho de 1882 iniciou as suas aulas [...] (VIRGÍLIO, 2000).

Figura 4 – Templo Eishoji, Berço do Judô.



Fonte: Kodokan.

Envolto nos estudos Jigoro Kano revisa, categoriza, qualifica e modifica os diversos princípios que lhe foram ensinados

no Ju-jutsu; excluindo as técnicas perigosas, idealizando uma forma de luta completa e eficiente, no qual se tornou uma verdadeira cultura física, mental e moral que ele denominou Judô. Kano, “[...] ainda associou princípios básicos da Física, como sistema de alavancas, equilíbrio, gravidade, na execução dos fundamentos básicos (SANTOS, 2019)”.

Figura 5 – Jigoro Kano.



Fonte: Acervo do autor.

Conforme Santos (2019, p. 18), Jigoro Kano “criou normas e princípios metodológicos para facilitar o aprendizado, criando regras para torná-lo método de Educação Física Escolar, e poder inseri-la nos currículos das escolas primárias e fundamentais no Japão”.

Monteiro (1998, p. 44), afirma que *“com a preocupação de acentuar o lado moral e baseando-se em um modo de vida de melhor utilização de energia humana, Jigoro Kano funda em 1882 a primeira Escola de Judô de nome Kodokan”*, e doravante começava a formar seu corpo discente, tendo como alunos Tsunejiro Tomita, Shiro Saigo, Yoshizaku Yamashita e Sakujiro Yokoyama, fazendo parte da primeira geração da Kodokan⁸.

Com o passar do tempo e aperfeiçoamento dos seus alunos, Kano constituiu o Shiten-no⁹ e direcionou os quatro alunos apresentados anteriormente para quatro cantos do Japão, afim de divulgar o Judô em todo o país. Realizada a divulgação do Judô em todo o Japão, Jigoro Kano vislumbrava fazer com que o Judô chegasse em todo o planeta, inclusive no Brasil.

8 Escola para o Aprendizado do Caminho.

9 Quatro colunas. Quatro santos protetores das regiões situadas nos pontos cardeais.

Capítulo 4

DO JAPÃO PARA O BRASIL: JUDÔ OU JIU-JITSU?

"A história do Judô desde a Restauração Meiji é essencialmente a história do Judô Kodokan".

Jigoro Kano

No início do Século XX, em específico no ano de 1903, na Capital Federal do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, foi construída a Avenida Central; local onde foram inaugurados os prédios mais elegantes da localidade.

Figura 6 – Avenida Central no Rio de Janeiro (RJ), em setembro de 1905.



Fonte: Acervo do Museu da República.

Na Avenida Central, de esquina com a rua Almirante Barroso, ficava um local para entretenimento conhecido como Concerto Avenida; outrora chamado de Pavilhão Internacional, que tinha a finalidade de propagar os avanços da modernidade através de Paschoal Segreto.

Figura 7 – Paschoal Segreto.



Fonte: <https://culturaemmovimento.com.br/o-ministro-das-diversoes-do-rio-de-janeiro/>

Paschoal Segreto, considerado o precursor do cinema brasileiro, logo que abriu o Concerto Avenida, tinha em seu estabelecimento além do cinema, apresentação musical, patinação no gelo, dentre outras atrações a luta livre; mas logo veio a ser palco para exibições e desafios envolvendo outras formas de lutas de cunho oriental.

Figura 8 – Pavilhão Internacional/Concerto Avenida.



Fonte: <http://indicio-de-ocio.blogspot.com/2013/03/concerto-avenida.html>

Pelo exposto anteriormente e pautado em fontes históricas, alicerçado de um olhar envolto de criticidade diante dos escritos e relatos instituídos temporalmente em um paradigma indiciário, nos distanciamos de invenções tradicionais, inconsistências discursivas e contradições; constatamos que ainda no início do século XX, no ano de 1908, Sada Miyako e M. Kakio-rara, foram náufragos resgatados da Ilha Wake, no Pacífico Sul, pelo navio Benjamin Constant, da Marinha do Brasil (MB).

Figura 9 – Cruzador Benjamin Constant - (1892 – 1926).



Fonte: Acervo DPHDM.

Lise e Capraro (2018), nos afirmam que o fato anteriormente apresentado, foi noticiado pelo jornal "O Século", de 25 de dezembro de 1908, página 02, mencionando a chegada dos lutadores japoneses no Rio de Janeiro, a bordo do navio escola da MB; fato que já havia sido exposto pela Revista "Caretta", no dia 19 de dezembro de 1908, como mostra na figura abaixo.

Figura 10 – Revista Careta de 19 de dezembro de 1908 apresentando Sada Miyako e M. Kakiorara no Cruzador Benjamin Constant.



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1908/careta_1908_029.pdf.

Segundo Cancela et al. (2018, p. 20), "O jiu-jitsu apareceu no convés do Navio-Escola Benjamin Constant [...]", com Sada Miyako; no entanto Cairus (2011), nos afirma que "o japonês Sada Miyako, era representante da academia Kodokan", podendo se justificar afirmar que o apresentado não era Jiu-jitsu, mas sim o Judô; idealizado por Jigoro Kano e consolidado com a

criação da primeira escola de Judô no mundo no ano de 1882 no Japão, a Kodokan.

Já e do nosso conhecimento, conforme a literatura vigente e os estudos realizados, que Jigoro Kano instituiu o Judô como uma forma de resgate da cultura japonesa, na qual estavam imbricados os Samurais que tinham em sua prática várias formas de Ju-jutsu/Jiu-jitsu desenvolvido no período feudal na terra da cerejeira.

Também se sabe, que o Judô foi idealizado primando pela moral, pela ética, em uma sequência pedagógica para o ensino das técnicas outrora não pensadas; inclusive se isentando das técnicas violentas ou às colocando para um nível de aprendizado condizente com a evolução do praticante.

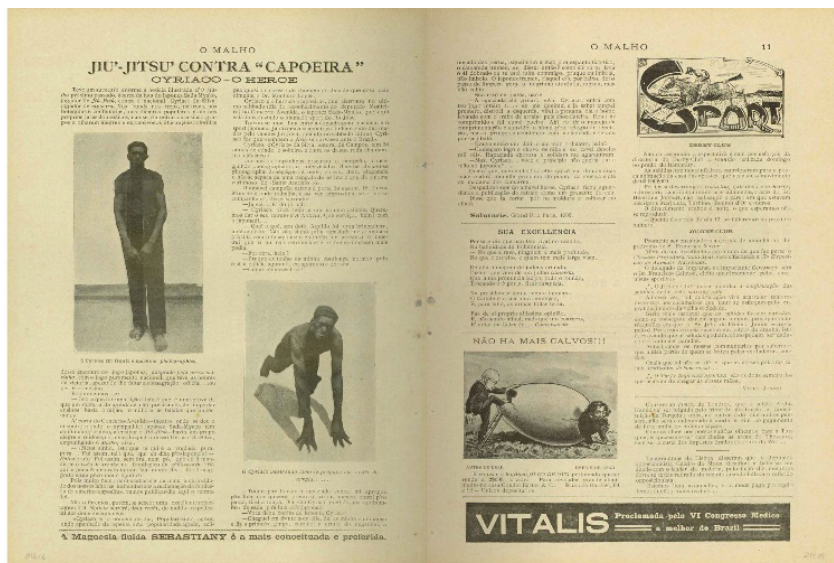
O Judô, constituído de cientificidade, logo atingiu um patamar de cultura corporal do movimento, de promoção da saúde, assim como a sua prática em forma de autodefesa. Estes fatores contribuíram para que Jigoro Kano fosse considerado o Pai da Educação Física no Japão, realidade esta que destoa do que apresenta o jornal "O Imparcial" do dia 30 de março de 1915, na página 10; quando nos diz que o Jiu-Jitsu é *"uma arte científica e o sistema de educação física, moral e intelectual dos japoneses"*.

Pode ser observado na página 22, da revista Careta em 1908, que as técnicas apresentadas por Sada Miyako e K. Kakiorara, foram expostos com sua nomenclatura japonesa, preservando a originalidade. Observa-se também que ambos usam o judogui, vestimenta que foi idealizada para prática do Judô por Jigoro Kano, quando desenvolvia a forma de luta.

Pelo apresentado acima, fica claro que o ensinado por Miyako e Kakiorara na MB, foi o Judô e não o Jiu-jitsu, mas acredita-se que pela proximidade das lutas usava-se indiscriminadamente o mesmo nome para formas de lutas distintas, assim os desafios realizados no Concerto Central divulgavam-se com o nome de Jiu-jitsu, tendo em vista Jigoro Kano ser contra usar o nome do Judô em desafios. Desta feita, Miyako envolto na divulgação da forma de luta japonesa, aceitou lutar contra o capoeirista Cyriaco, no Concerto Avenida; fato que culminou na derrota do japonês.

Posteriormente, “Miyako ministrou aulas da arte marcial japonesa na Fortaleza de Ville Gagnon (CANCELLA, 2014)”, dando continuidade à propagação da forma de luta, que mais tarde seguiu sendo realizada por outros japoneses que aportaram no Brasil.

Figura 11 – Jiu-jitsu x Capoeira.



Fonte: https://web.facebook.com/passadospresentes/photos/capoeira-contra-jiu-j%C3%ADtsu-na-avenida-centralem-maio-de-1909-houve-uma-luta-entre/716969221778612/?_rdc=1&_rdi

Ainda no processo de divulgação do Judô no Brasil, este fato ocorreu através de alguns daqueles que foram integrantes da segunda geração de alunos de Jigoro Kano oriundos da Kodokan.

A segunda geração do Kodokan, foi responsável direta pela divulgação e implantação do Judô; em outros países, eles eram: Mitsuyo Maeda, Soishiro Satake, Okabe Heita, Kiuzo Mifune, Mikonosuke Kawaishi, Toku Sambô, Shozo Nakano, Ohno Akitarô, Ito-Tokogurô, Takizaburo Tobari, Oda Katsurô,

Oda Tsunetane, Tamio Kurihara, Massayko Kimura, Matsushiro Ritarô, Oono Akizaburo, dentre outros (VIRGÍLIO, 2002, p. 19).

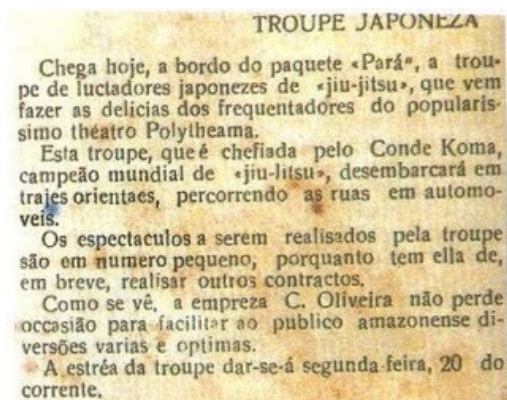
Conforme Virgílio (2002), *“Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake percorreram o mundo por mais de duas décadas na busca incessante da divulgação do Judô”*.

Retornando a Cuba, Maeda continuou obcecado em conhecer a Amazônia e o sonho foi realizado, Maeda passou pelos países da América Central, indo pela Costa do Pacífico até o sul, subindo depois pelo Brasil até o grande rio Amazonas, tal feito ocorreu, pois cumprindo o roteiro chegaram à Guatemala, posteriormente a Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador e Peru. Neste último, encontraram Laku, professor de Jiu-Jitsu que ensinava aos militares, que veio a juntar-se com Maeda e Satake por convite, como assim foi feito a Okura no Chile e Shimitsu na Argentina, que reunidos chegaram ao Uruguai e ao Brasil, em 14 de novembro de 1914 (VIRGÍLIO, 2002).

Segundo Virgílio (2002), *“durante um ano, uma sequência de apresentações foi realizada nas principais capitais brasileiras, e em 18 de dezembro de 1915 chegam a Manaus”*, a trupe de lutadores.

O jornal “O Tempo” de 18 de dezembro de 1915, relatava a chegada da trupe de lutadores de Jiu-Jitsu a apresentar-se no Theatro Politeama, que desembarcou em trajes orientais, e iria percorrer as ruas de automóvel e que teria apresentação de estreia segunda-feira dia 29 do mês corrente (VIRGÍLIO, 2002).

Figura 12 – Anúncio da Chegada de Maeda.



Fonte: Jornal o Tempo de 18 de dezembro de 1915. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Raphael Sampaio.

Figura 13 – Theatro Politheama.

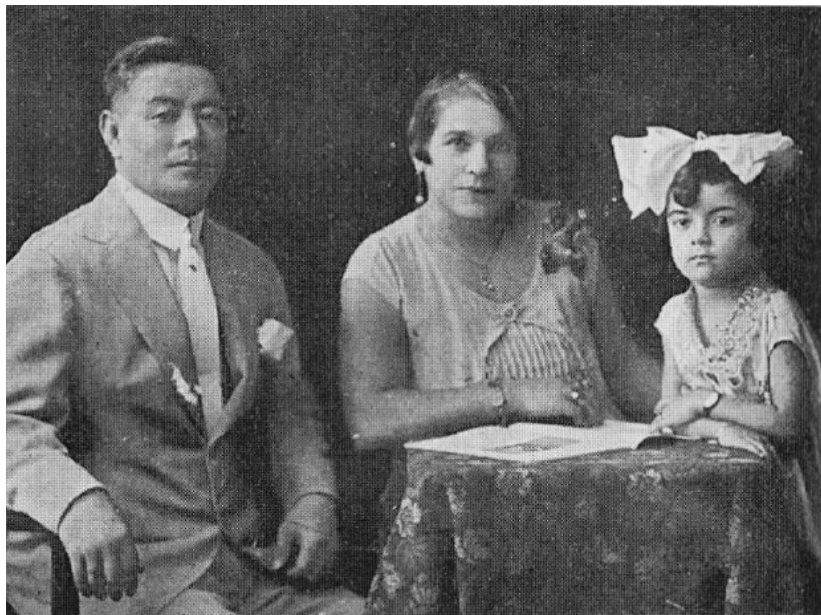


Fonte: Reprodução/Manaus de Antigamente.

De acordo com Virgílio (2002), "Otávio Mitsuyo Maeda chegara ao final da viagem em 28 de novembro de 1941, às qua-

tro horas e cinco minutos na Vila Bolonha, nº 04, aos 63 anos ao lado da esposa May Iris e Celeste, sua única filha, ocasionado por uremia maligna"

Figura 14 – Maeda, May Iris e Celeste.



Fonte: kokokanjudo.intitute.org

Incontáveis foram as vitórias de Maeda ou "Conde Koma", na implantação do Judô mundial e brasileiro, mas estas vitórias não se restringiram somente ao Judô, cabendo a ele a responsabilidade de abertura dos portos no Brasil para a imigração nipônica.

Figura 15 – Navio utilizado na imigração japonesa.



Fonte: Mundo-Nipo

Diante do processo de imigração japonesa, outro cultor das lutas chegou ao Brasil; sendo ele Riuzo Ogawa, que no Japão teve sua gênese no mundo das lutas oriundo do Ju-jutsu.

Figura 16 – Ryuzo Ogawa.



Fonte: Hombu Budokan.

O senhor Ogawa, nasceu em 1885, em Ishiki, na cidade de Tairá, província de Fukushima, tendo como pai Matsukichi Ogawa e mãe Yuki. Desde a sua infância aprendeu Jiu-jitsu, estilo Iga, com o professor Toyotaro Tokoro, e mais tarde, foi habilitado no estilo Kashima Shinyo pelo professor Kosuke Yamada, discípulo do estilo Tenjin Shinyo do Mestre Jigoro Kano (ISHI, 2015, p. 21).

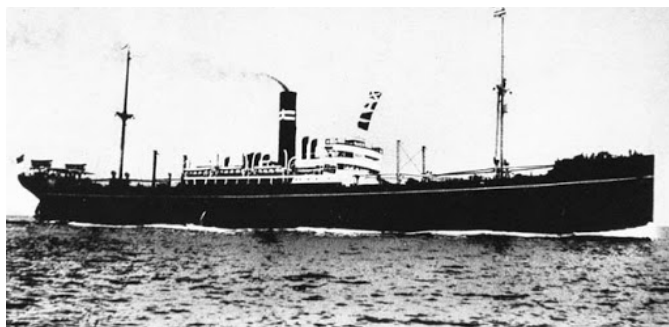
Tabela 3 – Professores de Jiu-jitsu de Ryuzo Ogawa.

Professores de Ryuzo Ogawa	
Toyotaro Tokoro	Kosuke Yamada formado pelo estilo Tenjin Shinyo
Iga-Ryu	Kashima-Shinyo-Ryu

Fonte: Elaborado pelo Autor.

No Japão em 1912, Ryuzo Ogawa, desde que montou sua Academia de Artes Marciais Ogawa, em Tóquio, tornou-se famoso como praticante da antiga arte marcial, realizando várias demonstrações a convite da família imperial e de nobres (ISHII, 2015). Não motivado nas artes marciais Ogawa em 1934, ele, com seu irmão migram para o Brasil no Hawai-maru, estabelecendo-se na colônia de Retiro.

Figura 17 – Navio que Trouxe Ryuzo Ogawa do Japão para Brasil.



Fonte: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

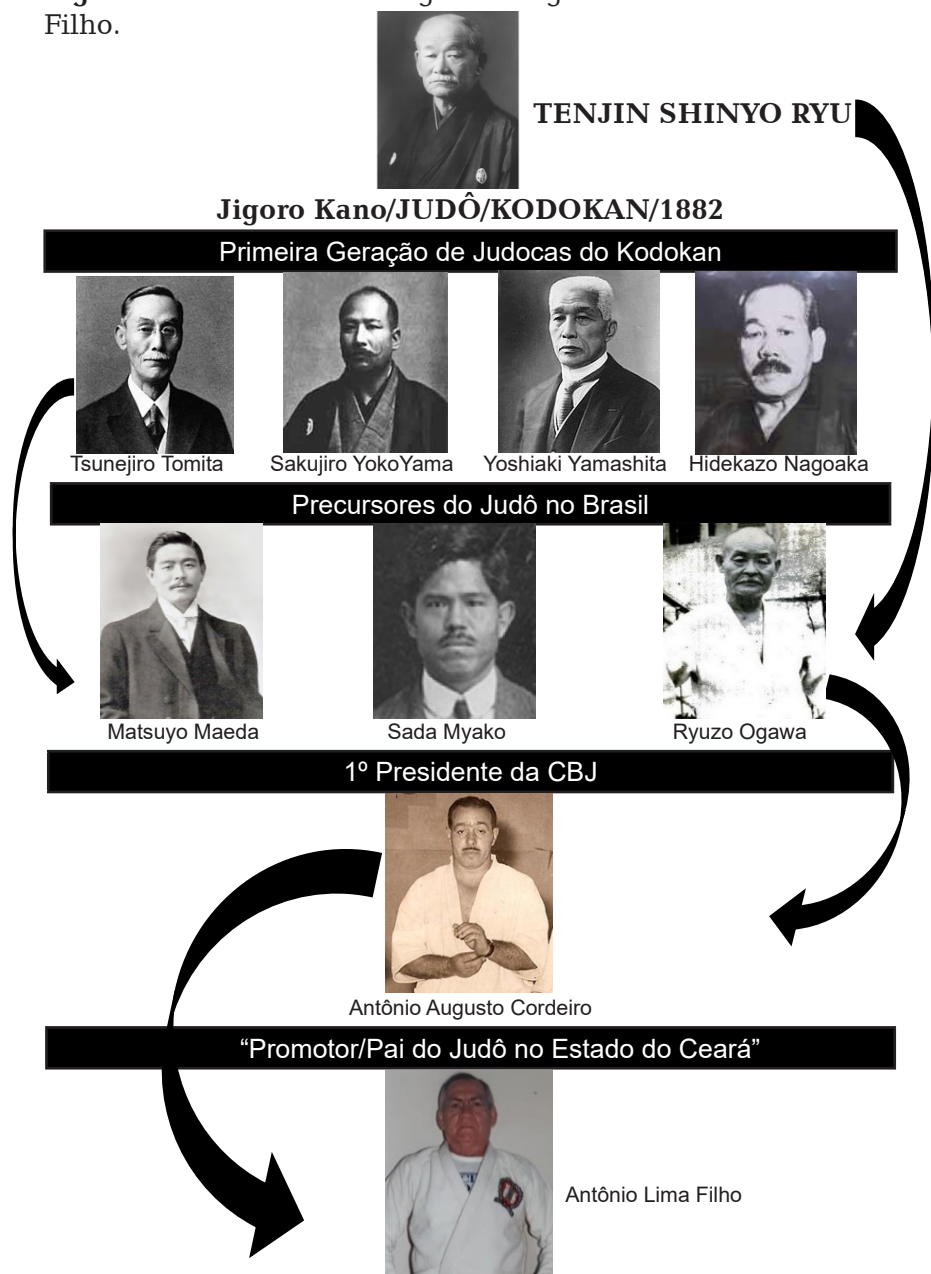
Na colônia de Retiro, Ogawa ensinou Judô por dois anos para os jovens, mas em 1936, ele foi para São Paulo, onde tornou-se secretário do departamento de Judô da Liga de Brasileira de Ju Kendô Artes Marciais Ogawa, fundando em 1938 a Academia de Artes Marciais Ogawa, no bairro da liberdade.

Ogawa (2014), enfatiza dizendo que "seu avô aprendeu Ju-jitsu, que é bem próximo ao Judô", mas a raiz constitucional do Jiu-jitsu de Ogawa, é a mesma do Judô o que o possibilitou ministrar aulas do "caminho suave", mas Ishii (2015), nos assegura que *"Ogawa, não conhecia nada de Judô; isso é imperdoável, pois, impertinente, ele oferecia graduação pelo Budokan Ogawa"*, sua nova rede de academia.

Segundo Ishii (2015), no período pós guerra um grupo de judocas japoneses do Kodokan, composta pelos campeões Yoshimatsu e Ozawa, chefiada pelo Professor Takagashi, em uma competição e demonstração aqui no Brasil, os Atletas Martins e Durval, alunos de Ogawa, não deram chances para Ozawa, evidenciando-se o Judô Budokan em detrimento do Judô Kodokan.

Em tempos outros, Kano convidou a Budokan para se filiarem ao Kodokan, mesmo Ogawa resistindo por vezes, em momento oportuno ele acabou por filiar-se ao Kodokan de Jigoro Kano, tornando-se no Brasil fundamental para divulgação do Judô, além de agregar alunos que perpetuaram a história do Judô, como Augusto de Oliveira Cordeiro, que se tornou o 1º Presidente da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e este que teve como discente Antônio Lima Filho, considerado o Pai do Judô no Estado do Ceará.

Figura 18 – Árvore Genealógica de Jigoro Kano a Antônio Lima Filho.



Capítulo 5

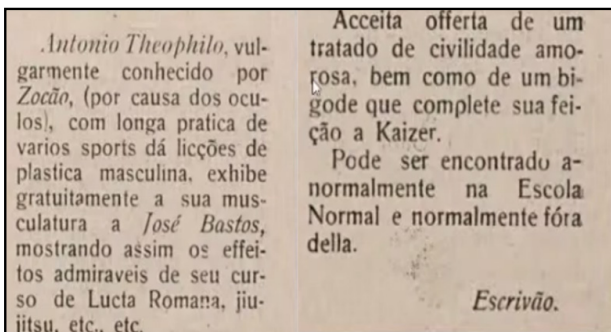
JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: UMA PASSAGEM PELO JIU-JITSU

"Não se conhece completamente uma ciência, enquanto não se souber da sua história".

Auguste Comte

De acordo com a FECJU (2021), o primeiro indício do Jiu-Jitsu no Estado do Ceará, data de dezembro de 1917, conforme apresentado abaixo no recorte do Jornal "a Nota", que menciona a pessoa do Professor Antônio da Justa Theophilo; que lecionava História na Escola Normal, hoje conhecida como Colégio Justiniano de Serpa, situado na Avenida Santos Dumont número 56, em Fortaleza.

Figura 19 – Antônio Theophilo, início do Jiu-jitsu.



Fonte: Jornal a Nota, de 24 de dezembro de 1917. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Raphael Sampaio.

Apesar do Professor Theophilo, ter tido vivência no Jiu-jitsu e em Luta Romana, não foram encontrados registros que este Professor tenha ministrado aulas destas formas de lutas aqui no Estado do Ceará.

Em um salto temporal chegamos ao dia 12 de junho de 1935, especificamente no Cine Theatro Majestic Palace, palco da primeira apresentação de Jiu-jitsu em nosso estado; apresentação essa que fora realizada por dois atletas já conhecidos em Fortaleza, pertencentes ao Náutico Atlético Cearense, sendo eles Rosalvo Prata e Secundiano Guimarães.

Figura 20 – Cine Theatro Majestic Palace.



Fonte: Diário do Nordeste, de 01 de junho de 2017, Arquivo Nirez.

“Secundiano era paraense, pesava 64 Kg, era instrutor de exercícios físicos da Polícia, foi aluno de Jiu-jitsu de Jacinto Ferro, que fora um dos alunos do Conde Koma (RODRIGUES, 2017)”, já Rosalvo Prata, natural do Ceará, pesava 63 Kg, era instrutor da Guarda Civil de Fortaleza e do Corpo de Segurança Pública, tendo ele o curso de Jiu-jitsu do Professor Geo Omori.

Figura 21 – Luta no Majestic, Rosalvo x Secundiano



Fonte: Jornal O Povo, 06 jul. 1935. p. 5.

Conforme Rodrigues (2017), a primeira luta realizada no Majestic, teve como árbitro o lutador de Jiu-jitsu Paulo Pettezzoni, que declarou Rosalvo Prata vencedor após a aplicação de um estrangulamento em Secundiano.

Rosalvo Prata por ter vencido Secundiano, teve o segundo embate marcado para o dia 02 agosto de 1935, a ser realizado no Teatro José de Alencar localizado na Rua Liberato Barroso, 525 - Centro, Fortaleza; desta vez contra o Sargento da Polícia, Péricles de Sá Roriz, que por vez findada a luta, Paulo Pettezzoni na qualidade de arbitro, declarou o empate entre Rosalvo e Péricles.

“O espaço onde era o Majestick, hoje é ocupado pelas lojas, escritórios e consultórios médicos do Edifício Lobrás, localizado no número 1071 da Rua Barão do Rio Branco (REDAÇÃO, 2017)”.

Em um deslocamento para o ano de 1940, outro fato que contribuiu para a consolidação do Jiu-jitsu em Fortaleza, foi a vinda do Professor Carlos Gracie, oriundo do Estado do Rio de Janeiro para morar em nossa capital.

Carlos, em busca de um clima mais saudável para os filhos, preferiu partir para o Ceará, onde pretendia investir em imóveis. Levou consigo Geni e os cinco filhos mais velhos.

Oneica, filha de Ilda, continuou morando com a mãe em Macaé. Em Fortaleza, os Gracies se hospedaram no Hotel Excelsior, localizado no coração da cidade, na praça do Ferreira, considerado o mais luxuoso das regiões Norte e Nordeste (GRACIE, 2008, p. 190-191).

Posteriormente eles foram morar em Pacoti, na serra de Baturite, que conforme Sá (2012, p. 45), foi *"onde estabeleceram residência e ministraram aulas especiais"*, mas sem perderem o vínculo com Fortaleza na divulgação do Jiu-jitsu, pois nesta capital Carlos Gracie *"treinou policiais e agentes de segurança (SÁ, 2012, p. 45)"*.

Carlos Gracie em Fortaleza, através do Jornal Correio do Ceará de 23 de novembro de 1943, divulgou um curso gratuito de Jiu-jitsu, no qual 70 inscritos se submeteram, mas somente (06) seis tiveram êxito para segunda fase, dentre eles Rubens B. Ferrer, Luciano R. Porto, Ernesto R. Medeiros, Pedro Hemetério A. de Castro, Antônio G. de Araújo e Germano F. Riquet, como segue no recorte de jornal abaixo.

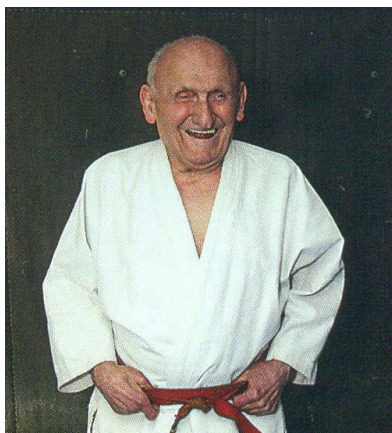
Figura 22 – Aprovação Parcial no Curso de Jiu-jitsu.



Fonte: Correio do Ceará, edição de 23 de novembro de 1943. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Raphael Sampaio.

Mesmo com os seis aprovados para a segunda fase do curso de Jiu-jitsu, somente dois (02) candidatos foram para a fase final, sendo eles Pedro Hemetério e Luciano Porto, este último desistindo do curso e Hemetério o finalizando; passando assim a ser aluno do Carlos Gracie e o auxiliando quando ele foi Inspetor da Polícia Especial de Fortaleza, cargo que Hemetério assumiria posteriormente.

Figura 23 – Pedro Hemetério.



Fonte: <https://www.graciemag.com>

Pedro Hemetério, com o passar do tempo, segundo Sá (2012, p. 45), “*fundou sua própria escola na capital cearense*”, mas posteriormente seguindo os passos de Carlos Gracie, Hemetério passou pelo Rio de Janeiro e foi residir em São Paulo.

Outro Cearense nascido no dia 02 de outubro de 1925, no município de Maranguape, situado a 24,4 Km de Fortaleza, e que veio a se tornar um ícone do Jiu-jitsu na capital, foi Nilo Weber de Carvalho Veloso (VELOSO, 2021).

Conforme Veloso (2021), em relato no dia 18 de maio de 2021, ele aponta que Nilo Weber de Carvalho Veloso, logo que nasceu foi enviado pelo seu Pai, que trabalhava nos Correios e Telégrafo em Maranguape, para morar com as irmãs em Fortaleza.

Figura 24 – Nilo Weber de Carvalho Veloso.



Fonte: Acervo da Família Veloso.

Com o transcorrer do tempo, Nilo Veloso se tornou funcionário da Caixa Econômica Federal, posteriormente com anos de labuta, conseguiu a licença premium, na qual ele fez uma investida de (06) seis meses no Estado do Rio de Janeiro, bebendo na fonte do Jiu-jitsu com sabor do Judô Kodokan, ou conhecido como *“Kano Jujustu, nome dado por Maeda, na época, para a família Gracie”, quando divulgado o Judô no Brasil (MESQUITA, 2014, p. 32)”*.

Nilo Veloso teve como Professor George Gracie, que fora aluno de Takeo Yano, sendo este aluno de Geo Omori, este que fora aluno de Mitsuyo Maeda, que porventura estudou Judô com Sakujiro Yokoyama, *“sendo este último componente da primeira geração do Judô da Kodokan e naturalmente aluno de Jigoro Kano (VIRGÍLIO, 2002).”*

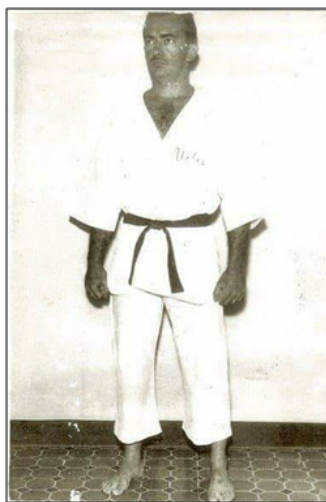
Figura 25 – George Gracie.



Fonte: www.gladiatorium.com.br

Conforme Veloso (2021), em relato no dia 18 de maio de 2021, Nilo Veloso, após retornar do Rio de Janeiro, ele estrutura sua academia em Fortaleza situada na Avenida Duque de Caxias, nº 773 sala 10, tendo o nome de batismo de Academia Cearense de Jiu-jitsu e Defesa Pessoal posteriormente mudando para o mesmo endereço sala 01, passando a ficar de esquina com a Rua Senador Pompeu. O Professor Nilo Veloso, também abriu uma filial da sua academia em Maranguape, mas não logrou êxito.

Figura 26 – Professor Nilo Veloso Faixa Preta de Jiu-jitsu.



Fonte: Acervo da Família Veloso.

Com a academia instalada em Fortaleza, por vezes era convidada a fazer apresentações nos intervalos dos eventos esportivos. Conforme Veloso, em relato no dia 18 de maio de 2021, ele nos afirma que uma das exibições foi realizada no intervalo de um jogo no Estádio Presidente Vargas (PV). Veloso, que aparece na figura abaixo, no momento da entrevista resgata da memória detalhes, lembrando das arquibancadas de madeira, com pequena parte de concreto; estrutura que perfazia o complexo do PV.

Figura 27 – Apresentação no Estádio Presidente Vargas (PV).



Da E/D: 1-Nilo Weber de Carvalho Veloso, 2-João José Caminha Veloso, 3-Luiz Antônio Caminha Veloso, 4-Nilo Weber Caminha Veloso, (5,6 e 8, não identificado por VELOSO, 2021), 7-Joe, 9-Luiz Oliveira e 10-Olivio Oliveira.

Fonte: Acervo da Família Veloso.

Segundo a FECJU (2018), mesmo a academia do Professor Nilo Veloso tendo sido *“uma das mais tradicionais”*, ele *“nunca foi lembrado, nem teve seu nome registrado nos torneios e eventos promovidos pelas Federações de Lutas no Estado do Ceará (O ESTADO, 2011)”*

Obviamente, a ausência de documentos dificulta nossa compreensão sobre a existência e as características desse personagem; contudo, a herança histórica e intelectual da obra é inquestionável, e nos devemos ater a alguns detalhes importantes [...] (BUENO, 2019, p. 34).

Detalhes importantes estes que incidiram não somente no desenvolvimento e propagação do Jiu-jitsu, mas também na implantação e consolidação do Judô no Estado do Ceará.

Capítulo 6

UMA HISTÓRIA DO JUDÔ NO ESTADO DO CEARÁ: DA DÉCADA DE 1950 A 1969

“Um povo que não conhece a sua história está fadado a repeti-la”.

Edmund Burke

Um homem para ser lembrado, deve ter imbricado em si o constructo de sua obra, que alude a sua história. Conforme Le Goff (1990, p. 18), *“Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária, pode ser uma narração histórica ou uma fábula”*.

Uma fábula pode ser caracterizada por fatos ilusórios. Nas lutas, segundo Munenori (2013, p. 71), *“ilusão é uma estratégia”*; como em um ataque combinado, onde a primeira fase do ataque objetiva iludir, mas a segunda fase do ataque combinado, é que complementa a verdadeira intenção da ação, pois *“através do falso a verdade é obtida (MUNENORI, 2013, p. 71)”*, verdade essa que não pode ser negada ou suprimida.

Negar ou suprimir a história daqueles que não somente por um dia, mas por décadas, dedicaram a sua vida para a formação das crianças, jovens e adultos da sociedade cearense e brasileira no âmbito das lutas em específico do Judô; é negar a sua origem, é negar a sua própria história.

Conforme o Jornal O Estado (2011), *“o maior presente para ser considerado vitorioso deve reconhecer, na história,*

aqueles que a construíram”, pois, “um homem sem história é como um livro sem letras (CURY, 2021)”.

O Jornal o Estado, do dia 25 de abril de 2011, em seu Caderno de Esportes, nos aponta que *“Nilo Weber de Carvalho Veloso foi o precursor do Judô no Ceará (O ESTADO, 2011)”*, fato este que ganha robustez após a entrevista realizada no dia 18 de maio de 2021, com seu filho Nilo Weber de Caminha Veloso, na afirmação em que seu pai, o Professor Nilo Veloso foi o precursor da arte de Jigoro Kano, aqui no Estado do Ceará.

O Professor Nilo Veloso, quando esteve no Rio de Janeiro no início da década de 1950, teve como Professor de Jiu-jitsu George Gracie, que teve como Docente Takeo Yano, que era Professor de Judô. Analisando um dos ramos da árvore genealogia a partir de Jigoro Kano, chegamos a Mitsuyo Maeda, que por vezes segundo Mesquita (2014), chamava o Judô de *“Jiu-jitsu Kodokan”*, nomenclatura que possivelmente tenha se proliferado aqui no Brasil, já que Maeda foi Professor de Geo Omori e esse, foi Professor de Takeo Yano.

Explica-se este fato primeiramente por serem o Judô e o Jiu-jitsu lutas ainda desconhecidas nessa época, tornando-se fácil confundir uma com a outra. Segundo, pela origem do Judô, todo ele estruturado nos estilos do Jiu-jitsu Kitô, Sekiguti, Tenjin e Jikishin e, portanto, sem ter praticamente diferenças nos seus fundamentos, já que apenas houve, pelo Judô, uma seleção e aperfeiçoamento das técnicas e a introdução de metas e filosofias próprias que, dado o caráter esportivo dessa nova arte, punham o homem em toda a sua plenitude física, intelectual, moral e espiritual como objetivo prioritário. Terceiro que, para mostrar o Judô superior, teve de abrir mão, mesmo que em caráter provisório, de certos conceitos, certas limitações que impunham essas mesmas metas e filosofia que o diferenciavam para, em igualdade de condi-

ções, testar e provar o seu valor frente a outros tipos de lutas (VIRGÍLIO, 2002, p. 93). De acordo com Virgílio (2002, p. 26), havia uma discordância geral quanto ao nome da luta japonesa, chamada por uns de Judô e por outros de Jiu-jitsu, aliás, dois nomes para até então uma mesma luta, dependendo apenas das origens dos professores, se do Kodokan com a sua filosofia, organizacional e objetivos, ou professores originários dos diversos estilos de Jiu-jitsu existentes no Japão

Pelo exposto anteriormente, podemos constatar uma linha tênue entre o Judô e o Jiu-jitsu, que começou a se distanciar com a chegada de Yushio Kihara no Brasil em 1956, pois oriundo da Kodokan, teve a finalidade de introduzir o Nague-no-Kata, que era desconhecido por nós; desta forma separando definitivamente o Jiu-jitsu do Judô (VIRGÍLIO 2002; ISHII, 2015).

O fato é que a academia do Professor Nilo Veloso, na forma de luta Japonesa, evoluía com novos adeptos, dentre eles Abdias Queiroz, José Olavo Moura, conhecido como "Deca"; Aliomar Façanha, Francisco Barbosa, conhecido como "Barbo-são", Elias Pereira de Oliveira e Milton Nunes Moreira.

Conforme Veloso (2021), em relato no dia 21 de maio de 2021, ele nos afirma que, sua mãe a senhora Eleodiz Caminha Veloso, esposa do Professor Nilo Veloso, mesmo sendo uma pessoa do lar; detinha o dom da cosedura, fato este que a colocava na confecção das becas de formatura que na época os formandos dos cursos de nível superior compravam. Pelo fato da senhora Eleodiz Veloso ser costureira e esposa do Professor Nilo Veloso, outra atribuição fora destinada a ela, que era a de confeccionar "quimonos", para a prática do Jiu-jitsu.

Com a grande demanda nos serviços de costura, se fazia necessário alguém que pudesse dar suporte nesses atributos, assim sendo em um momento oportuno, o Professor Nilo Veloso, que era frequentador do restaurante "*Hits*", localizado ao lado do armarinho e alfaiataria do Milton Moreira, que segundo o

caderno Jogada do Jornal Diário do Nordeste, de 13 de fevereiro de 2010, *“funcionava na Rua Guilherme Rocha, 1325”*.

De acordo com Veloso (2021), eles foram apresentados no restaurante, e nesse contato Milton manifestou a sua vontade de aprender defesa pessoal, desta feita o Professor Nilo Veloso, convidou Milton Moreira a treinar na academia dele.

Conforme Veloso (2021), Milton Moreira era muito humilde, uma pessoa bem tranquila, calma, muito pura, sempre acatando as sugestões apresentadas por aquele que se tornaria seu mentor na prática da *“arte guerreira de combate, o Jiu-jitsu (TOKITSU, 2012)”*.

Diante das qualidades pessoais do Milton Moreira, associado à sua qualidade profissional e a necessidade de alguém para auxiliar na confecção dos “quimonos”, o Professor Nilo Veloso convidou Milton para ajudar; que diante do convite passou a observar a senhora Eleodiz Veloso na construção da indumentaria que era necessária para a prática da arte guerreira.

Segundo Veloso (2021), Milton no processo de aprendizagem da confecção dos “quimonos”, fazia as calças como se fosse uma calça comum e quando os praticantes afastavam as pernas, em movimento de abdução do quadril, se desfazia a costura. A partir disso a esposa do Professor Nilo Veloso, a senhora Eleodiz Veloso, orientou à Milton que mudasse o sentido da costura, reforçando e cerzindo; após o aprendizado Milton se tornou um expert na confecção de quimonos tanto para o Jiu-jistu como para o Judô, posteriormente.

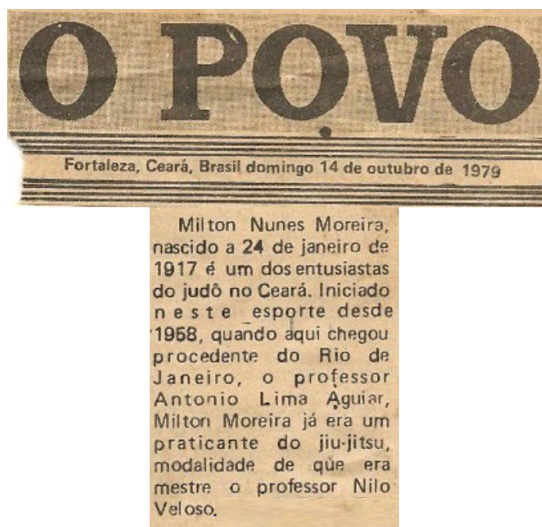
No interím da confecção dos “quimonos” e a prática do Jiu-jitsu, o aluno Milton chegou à faixa marrom, o colocando em um patamar de destaque em relação aos outros alunos, pois Milton substituiu o Professor Nilo Veloso quando este precisava se ausentar motivado pelos afazeres da Caixa Econômica Federal, se tornando um Instrutor na academia (VELOSO, 2021).

Chegando ao ano de 1958, na porta da academia do Professor Nilo Veloso, bateu um senhor com idade aproximada dos 50 anos, se apresentando como Antônio Lima Aguiar, que era Cearense, oriundo do Estado da Guanabara, como outrora foi conhecido o Rio de Janeiro; ele procurava uma academia de

Judô, pois este senhor segundo a FECJU (2018), *“afirmava que era iniciado no Judô e como aqui ainda não existia nenhuma academia de Judô, resolveu ele procurar uma academia de Jiu-Jitsu para prosseguir seus treinos tendo em vista terem os dois uma grande semelhança”*.

A chegada de Lima Aguiar na academia do Professor Nilo Veloso, despertou nos alunos a vontade de experimentar o Judô, que era pouco conhecido, assim sendo *“[...] ele ficou de 1958 até 1960, na academia do Professor Nilo, passando para aos alunos os seus conhecimentos adquiridos na sua vivência no Judô (FECJU, 2018)”*.

Figura 28 – Antônio Lima Aguiar em Fortaleza



Fonte: Jornal o Povo, 14 de outubro de 1979.

O Professor Wellington Campos de Araújo em entrevista realizada em 19 de junho de 2020, nos afirma ter presenciado Lima Aguiar (que não era Professor como apresentado anteriormente na matéria do Jornal O Povo) em uma apresentação na Fênix Caixeiral, localizada na esquina da Rua General Sampaio com Guilherme Rocha (hoje o prédio no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, no Centro de Fortaleza) que ficava ao

lado da Igreja do Patrocínio, na época passou a ser palco dos embates após o incêndio do Majestick.

Segundo Araújo (2020), *“Lima Aguiar não era muito técnico, mas conseguia aplicar algumas projeções nos oponentes”*.

Figura 29 – Fênix Caixeiral



Fonte: www.fortalezaemfotos.com.br

“Certo dia, Lima Aguiar, resolveu montar uma fábrica de camisas aqui em Fortaleza, porém não obteve sucesso na nova investida resolvendo assim regressar para o Rio de Janeiro (FE-CJU, 2018)”.

No ano de 1961, o Professor Nilo Veloso quando esteve acompanhando um Campeonato Brasileiro de Judô no Rio de Janeiro, fez um convite a um dos atletas que lá competia; este competidor era cearense de Hidrolândia. Posteriormente a convite do Professor Nilo, chega em Fortaleza o Filho de Antônio Lima com Antônio Bela Lima, o Professor Antônio Lima Filho (29 anos), Faixa Preta segundo (NI) Dan de Judô, tendo sido ele promovido a primeiro (SHO) Dan em 01 de maio de 1956, e a segundo grau em 18 de julho de 1961.

Figura 30 – Carteira de Graduação da Academia Augusto de Jiu-jitsu.

ACADEMIA AUGUSTO DE JIU-JITSU

Nome: Antônio Lima Filho N.º 13

Nacion. Bras. Data nasc. 10-9-73 Idade 21

Prof. Poupeiro Ender. R. Barata Ribeiro 530

Resid. R. Barata Ribeiro 530 Telef. 572293

Mensali. _____ Data inscr. 1-8-953

Numero de aulas _____ Cabine 79

Obsrv. Passou a Faixa Verde 15-12-953

Faixa Roxa ~~14-10-954~~ passou a faixa

para 1º Dan - 1-5-56 - PASSOU PARA 18958

PRETA 2º DAN - 13-7-61 - PRETA 3º DAN 3-10-68

HORÁRIO DAS AULAS	
Dias	13
Hora	

Fonte: Acervo da Família Lima.

O Professor Antônio Lima, chegou em Fortaleza, com a missão de difundir e consolidar o Judô no Estado do Ceará, trazendo sua experiência adquirida em anos de vivência com o “Professor Augusto de Oliveira Cordeiro que foi seu Professor (VIRGÍLIO, 2002; SILVA, 2017)”. Cordeiro, conforme Ishii (2015), foi um dos pioneiros do Judô nacional, primeiro presidente da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e presidente da Confederação Pan-americana de Judô (CPJ), tendo sido Augusto Cordeiro, aluno de Hyuzo Ogawa.

Figura 31 – Carteira da Academia Augusto Cordeiro de Judô e Jiu-jitsu.

ACADEMIA AUGUSTO CORDEIRO DE JUDÔ E JIU-JITSU
8.ª FILIAL DA BUDOKAN

NOME ANTONIO LIMA

FILHO _____

RESID. RUA BARATA
RIBEIRO, 530

CARTEIRA N.º 13

Augusto C. Cordeiro
DIRETOR

FLAC-LITE LTDA - RUA MÉXICO, 41 - 14.º - GRUPO 1005, RIO

Fonte: Acervo da Família Lima.

Ainda em 1961, Hugo Gomes Ripardo, dá início a prática do Judô na academia do Professor Nilo, mas tendo como seu docente o Professor Lima.

No ano de 1962, a imprensa local sabedora da presença do Professor Lima em Fortaleza, faz o anúncio que ele iria movimentar o Judô cearense, inclusive destacando a aspiração dele em deslocar uma equipe para participar do campeonato brasileiro da modalidade.

Conforme, O Jornal O Fato Esportivo, de 07 de maio de 1962, o conhecido mestre está no firme propósito de preparar a representação cearense para Campeonato Brasileiro de Judô que se realizará em setembro na cidade de São Paulo, [...] mesmo porque estava realmente necessitando o Professor Lima Filho, que então boa hora foi convidado pelo Professor Nilo Veloso. O mestre é visto no flagrante para o fato esportivo de hoje, tendo ao seu lado o instrutor Milton quando falava para essa sessão (GOMES, 1962).

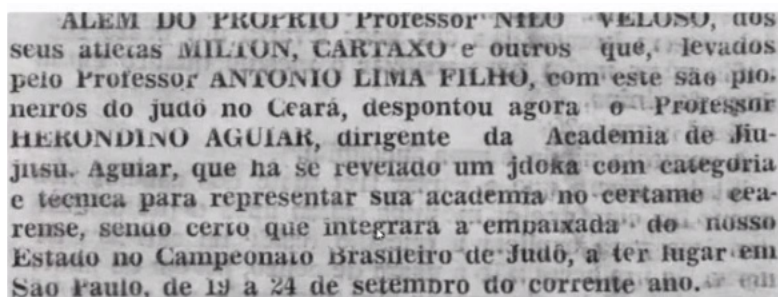
Figura 32 – Judô em Movimento.



Fonte: Jornal o Fato Esportivo, de 07 de maio de 1962. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Rafael Sampaio.

Na figura que segue posteriormente apresentada, do Jornal o Estado de 07 de julho de 1962, traz a fala do Sr. Agame-non da Frota Leitão, que era Advogado e Presidente da Federação Cearense de Pugilismo (FCP), apontando sua confiança nos possíveis representantes do Estado do Ceará, que na época iriam participar do Campeonato Cearense de Judô, no qual os classificados representaram o Ceará no Campeonato Brasileiro de Judô, que foi realizado em São Paulo, no período de 19 a 24 de setembro de 1962.

Figura 33 – Fala do Presidente da FCP.



ALEM DO PRÓPRIO Professor NILO VELOSO, dos seus atletas MILTON, CARTAXO e outros que, levados pelo Professor ANTONIO LIMA FILHO, com este são pioneiros do judô no Ceará, despontou agora o Professor HERONDINO AGUIAR, dirigente da Academia de Jiu-jitsu. Aguiar, que ha se revelado um jôdoka com categoria e técnica para representar sua academia no certame cearense, sendo certo que integrara a embaixada do nosso Estado no Campeonato Brasileiro de Judô, a ter lugar em São Paulo, de 19 a 24 de setembro do corrente ano.

Fonte: O Estado, 07 de julho de 1962. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Raphael Sampaio.

Devidamente apresentado a sociedade cearense, cabia ao Professor Antônio Lima Filho propagar as técnicas de Judô de forma sistematizada através dos cinco (05) estágios de graduação e dos Kata do Judô, além das regras que regiam essa luta na época, seguindo o exemplo de Ryuzo Ogawa “*um dos pioneiros do Judô no Brasil (ISHI, 2015)*”, separando definitivamente o Judô do Jiu-jitsu e o difundindo como esporte para os cearenses, assim como Ogawa fez, “*projetando o Judô como esporte para os brasileiros (SANTOS, 2014)*”, pois Antônio Lima Filho, também foi um dos responsáveis pela difusão do Judô em vários estados do nordeste brasileiro.

Ainda em 1962, visitando a academia do Professor Nilo Veloso, Francisco Máuri de Carvalho Freitas, que era boxeador e treinava Jiu-jitsu com o Tenente Raimundo Ferreira Campos, assistindo a uma aula da nova luta, em nosso estado decide investir na prática do Judô, passando a ser aluno do Professor Antônio Lima Filho, quando este ministrava aulas da arte de Jigoro Kano, na Academia do Professor Nilo. Máuri Carvalho que viria a se tornar além de Faixa Preta de Judô, Profissional de Educação Física e Paraquedista da Brigada de Infantaria do Exército Brasileiro no Rio de Janeiro.

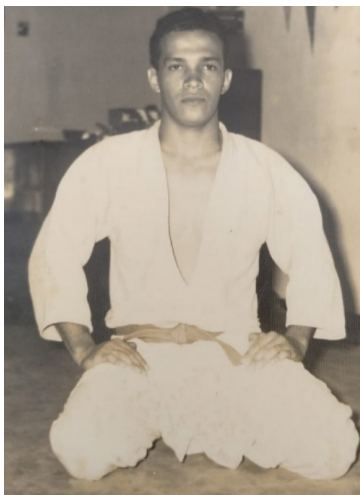
Figura 34 – Francisco Máuri de Carvalho Freitas.



Fonte: Recorte da Foto do Acervo da Família Ripardo.

Segundo Wellington Campos de Araújo, em relato no dia 20 de maio de 2021, ele nos afirma que tinha iniciado no Jiu-jitsu em 1962, mas em 1963, assistindo a segunda edição do Campeonato Cearense de Judô, que fora realizado no Comercial Clube que se localizava na Avenida Aquidabã, hoje conhecida como Avenida Historiador Raimundo Girão, segundo Araújo (2020), *“ele se empolgou com o esporte e passou do Jiu-jitsu para o Judô”*.

Figura 35 – Wellington Campos de Araújo.



Fonte: Acervo Pessoal do Professor Wellington Campos de Araújo.

Figura 36 – Comercial Clube de Fortaleza



Fonte: www.fortalezaemfotos.com.br

Na busca de alavancar o Judô, diante das ideias e ideais divergentes, os Professores Nilo Veloso e Antônio Lima, decidem finalizar a parceria. Desta feita o Professor Lima após três anos na academia do Professor Nilo, em 1964 funda sua *“academia especializada em Judô (FECJU, 2018)”*, com nome de Judô Clube Antônio Lima, situada em frente da academia do Professor Nilo Veloso, que findada a parceria mudara o nome da sua academia para Academia Nilo Veloso.

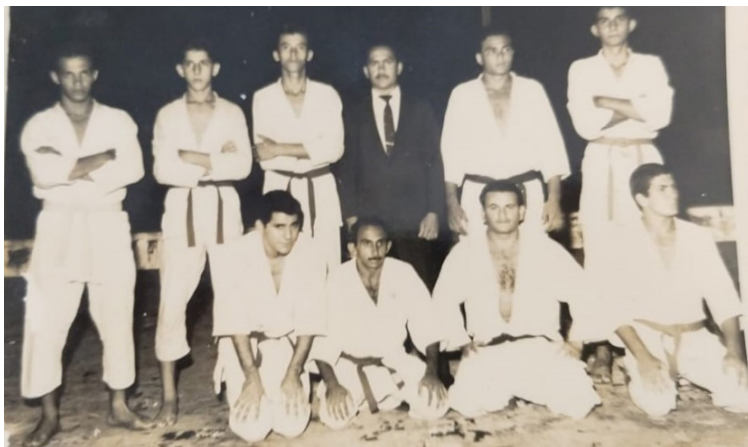
Figura 37 – Professor Antônio Lima na sua Academia em 1964.



Fonte: Acervo da Família Lima.

O Campeonato Cearense de Judô de 1964, também serviu para movimentar a modalidade no estado, ajudando a difundir-lo como mostra a figura abaixo, constando parte da equipe do Professor Lima.

Figura 38 – Equipe da Academia do Professor Lima em 1964.



Em Pé da E/D: Wellington Araújo, Antônio Luís, Rush, Professor Lima, Hugo Ripardo, Pedro Antônio. **Ajoelhados da E/D:** Hélio, Deca, Aliomar, Máuri Carvalho.

Fonte: Acervo Pessoal do Professor Wellington Campos de Araújo.

Ainda em 1964, Wellington Campos de Araújo, participa do Campeonato Brasileiro de Judô, como mostra a figura abaixo, segundo ele *“meu primeiro ippon em campeonatos oficiais, em 1964”*

Figura 39 – Wellington Campos Vencendo por Ippon.



Fonte: Acervo Pessoal do Professor Wellington Campos de Araújo.

O ano de 1965, foi destinado a ampliação de eventos de Judô no Estado do Ceará, sob a tutela da Federação Cearense de Pugilismo (FCP); esta que estava submetida a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP).

A Academia do Professor Antônio Lima, segundo Welington Araújo em relato no dia 24 de maio de 2021, se preparou fortemente para o Campeonato Cearense deste ano que tinha a possibilidade do Bicampeonato Absoluto para a academia.

Figura 40 – Atletas Participantes do Campeonato Cearense de Judô de 1965.



Em Pé da E/D: Ricardo Ary, Paulo Leite, Professor Lima, Aliomar Façanha, Máuri Carvalho, Hugo Ripardo **Ajoelhados da E/D:** Wellington Araújo, Deca, Wellington Andrade, Nilton Moreira.

Fonte: Acervo Pessoal do Professor Wellington Campos de Araújo.

Neste ano o destaque no Judô foi para Hugo Gomes Ripardo, Aluno do Professor Antônio Lima, que se tornou Campeão Cearense na sua categoria e absoluto, sendo posteriormente eleito o melhor judoca de 1965.

Figura 41 – Campeão da Categoria Médio em 1965.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

Figura 42 – Campeão Absoluto em 1965.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

Figura 43 – O Melhor Judoca de 1965.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

Figura 44 – Representantes Cearense no Campeonato Brasileiro de 1965.



Em Pé da E/D: Professor Lima, Wellington Araújo, Hugo Ripardo, Maranguape, Professor Nilo Veloso. **Ajoelhados da E/D:** Deca, Máuri Carvalho e Yamagushi que não conseguiu entrar na equipe do seu estado e quis disputar pelo Estado Ceará, mas não foi permitido.

Fonte: Acervo Pessoal dos Professores Máuri Carvalho e Wellington Araújo.

Em 1966, a Federação Cearense de Pugilismo na pessoa do seu Presidente, Agamenon da Frota Leitão, e do seu Diretor do Departamento Técnico, Milton Nunes Moreira, certificam Hugo Gomes Ripardo, como Campeão Cearense Absoluto (Bicampeão), no V Campeonato Cearense de Judô, este que se tornaria o Primeiro Faixa Preta de Judô do Estado do Ceará, posteriormente Técnico da Seleção Brasileira de Judô, além de Sargento condecorado da Aeronáutica.

Figura 45 – Hugo Gomes Ripardo.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

Figura 46 – Campeão Absoluto em 1966.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

Figura 47 – 1º Faixa Preta de Judô do Estado do Ceará.



Fonte: Acervo da Família Ripardo.

No âmbito da competição de Judô no meio universitário, realizado em agosto de 1966, em entrevista no dia 24 de maio de 2021, Wellington Campos nos apresenta os competidores.

Figura 48 – Atletas Universitários da Modalidade de Judô.



Em Pé da E/D: Paulo de Tarso (Engenharia), Cláudio Bastos (Administração), Professor Lima, Wellington Campos (Administração), Ricardo Ary (Engenharia); **Ajoelhados da E/D:** José Olavo França (Direito), Francisco Brito (Veterinária), Fabiani Cunha (Veterinária), Rosalvo (Engenharia), Agamenon (Engenharia).

Fonte: Acervo Pessoal do Professor Wellington Campos de Araújo.

Ainda em 1966, Milton Moreira que era instrutor na academia do Professor Nilo Velo e diretor do departamento técnico da FCP, teve solicitada sua graduação a Faixa Preta pelo senhor Agamenon Magalhães (presidente da Federação Cearense de Pugilismo), a Confederação Brasileira de Pugilismo. A FECJU nos afirma, na palestra do Curso de Faixa Preta 2021, com a temática história do Judô, realizada no dia 24 de abril de 2021, proferida pelo Profissional de Educação Física e 5º Dan de Judô, Rafael Sampaio, que Milton Moreira *“recebeu a Faixa Preta dele ao final de 1966”*, assim sendo o segundo Faixa Preta cearense

Figura 49 – Professor Milton Nunes Moreira.



Fonte: Jornal O Povo, de 14 de outubro de 1979. Recorte de Jornal gentilmente cedido pelo Prof. Rafael Sampaio Lopes.

Em 1967, poucos meses após a sua graduação a Faixa Preta em 1966, Milton Moreira que era aluno de Jiu-jitsu desde 1954, se desvincula do Professor Nilo Velos e montou a sua própria academia de nome Centro Cearense de Judô *“situada na Rua São Paulo entre as ruas Senador Pompeu e General Sampaio (FÉLIX, 2010)”*.

Figura 50 – Equipe do Centro Cearense de Judô.



Em Pé da E/D: (Não Identificado), Valdir, (Atrás Não Identificado), Elenira Thoen, (Crianças na Frente Não Identificado), Nilton Moreira, Lurdinha, (Não Identificado), (Crianças na Frente Não Identificado), Milton Moreira, João Inocêncio. **Ajoelhados da E/D:** Manoel Vitorino, Piçarra e Bosco.

Fonte: Acervo da Professora Elenira Thoen.

Ainda em 1967, conforme o Professor Francisco Máuri de Carvalho Freitas, em entrevista no dia 22 de junho de 2020, ele nos afirma que foi realizado o segundo Exame de Faixa Preta no Estado do Ceará fazendo parte da banca examinadora os Professores Antônio Lima, Jorge Medhi e Hugo Ripardo. Segundo Freitas (2020), Ripardo, na ocasião ficou à disposição do Professor Máuri Carvalho, para que nele fossem aplicadas as técnicas, lhe servindo de Uke¹⁰.

Com a promoção do Máuri Carvalho no exame de Faixa Preta, ele se tornou o segundo graduado preta em exame realizado em nosso estado, mas se levarmos em consideração a promoção do Professor Milton pela FCP e CBP, ele foi o terceiro.

Ainda em 1967, o Judô cearense teve sua representatividade no campeonato nacional com sete (07) integrantes, como segue na figura abaixo apresentado.

¹⁰ Que é projetado (derrubado).

Figura 51 – Seleção Cearense no Brasileiro no Rio de Janeiro de 1967.

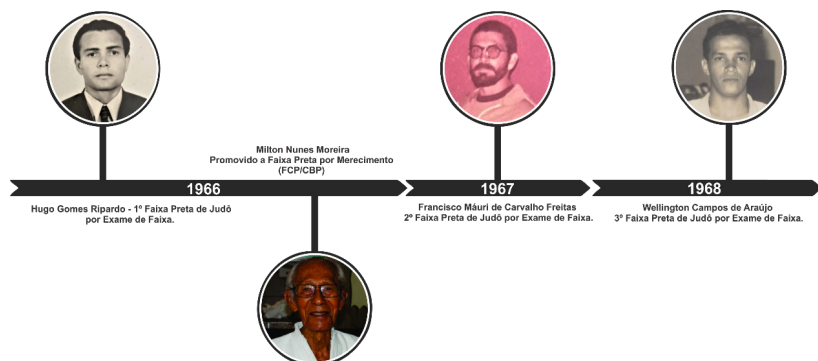


Em pé da E/D: Professor Lima, Wellington, Pedro Antônio, Hugo Ri-
pardo. Ajoelhados da E/D: Carneirinho, Máuri Carvalho, Nilton Mo-
reira (Maninho) Filho do Professor Milton Moreira.

Fonte: Acervo dos Professores Mauri Carvalho e Wellington Araújo.

Em 1968 foi a vez do Professor Wellington Campos de Araújo a ser promovido a Faixa Preta, se tornando o terceiro graduado preto em exame de faixa realizado em nosso estado, mas se levarmos em consideração a promoção do Professor Milton pela FCP e CBP, ele foi o quarto. Ainda em 1968 foram promovidos a Faixa Preta Deca e Maranguape.

Figura 52 – *Time Line* dos Primeiros Cearenses Faixas Preta de Judô.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

O ano de 1968 se tornou um marco para o Judô feminino no Estado do Ceará, pois neste ano um grupo de mulheres iniciou a sua prática na Academia do Professor Milton Moreira. Conforme Maria Elenira Monteiro Thoen, em entrevista realizada no dia 23 de maio de 2021, ela nos afirma que após uma partida de Vôlei na qual jogavam no mesmo time Elenira Thoen (atacante) e Francineide Frazão (levantadora), essa ao término da partida *“convidou Elenira para treinar Judô, afirmando que seu pai, Milton Nunes Moreira era Professor e tinha uma academia (TOHEN, 2021)”*. Desta feita elas passam a treinar no Centro Cearense de Judô, que posteriormente viria a se tornar Judô Clube Sol Nascente.

Figura 53 – Início do Judô Feminino no Estado do Ceará.

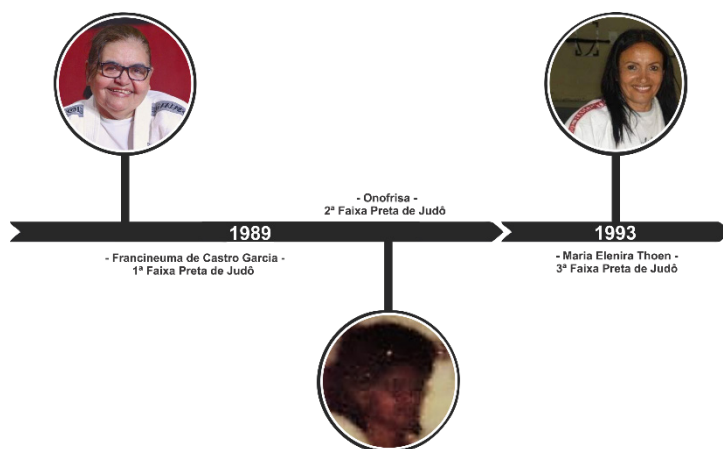


Em Pé da E/D: Deca, Luiz Paiva, (Não Identificada), (Não Identificada) e Nilton Moreira. **Ajoelhadas E/D:** Francineide Frazão, Elenira e Lurdinha.

Fonte: Acervo da Professora Maria Elenira Thoen.

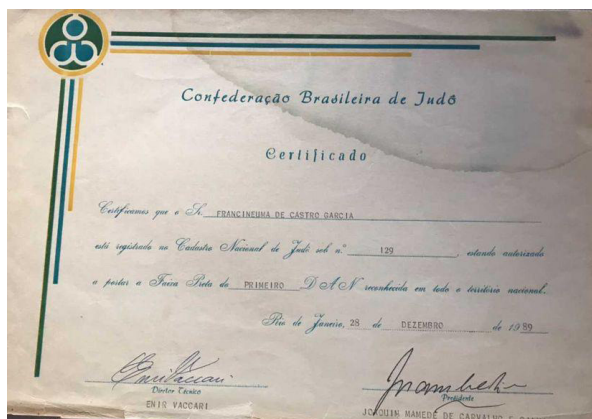
Por motivos outros, Francineide Frazão decide parar de treinar, mas Elenira Thoen, que viria a se tornar Policial Cível, da continuidade aos treinos e com o passar do tempo se torna a terceira mulher Faixa Preta de Judô em nosso estado, precedendo a ela Francineuma de Castro Garcia e Onofrisa.

Figura 54 – *Time Line* das Primeiras Cearenses Faixas Preta de Judô



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Figura 55 – Primeira Cearense Faixa Preta de Judô.



Fonte: Acervo da Família Garcia.

Figura 56 – Terceira Cearense Faixa Preta de Judô.



Fonte: Acervo da Professora Elenira Tohen.

Com o Judô atingindo todas as instâncias da sociedade cearense, percebeu-se a necessidade de ações independentes, na qual possibilitasse o Judô no Estado do Ceará caminhar por conta própria.

Desta feita, conforme a Ata da Primeira Reunião dos dirigentes de academias de Judô para fundação da Federação Cearense de Judô (FCJ), aos 15 (quinze) dias de outubro de 1969, no Centro Médico Cearense, situado na rua Pedro I, número 997, às 21 horas, atendendo a convocação da Academia de Judô e Defesa Pessoal Professor Antônio Lima, feita no Jornal Correio do Ceará, no dia, 31 de outubro desse ano, se reuniram, vários representantes de academias de Judô e praticantes da modalidade com a finalidade de constituição da Federação Cearense de Judô.

Através de eleição foram empossados como presidente da FCJ, Luiz Paiva Freitas tendo como vice-presidente, Rômulo Silva Nogueira e como secretário geral da FCJ, Fernando Vasconcelos Franco (FCJ/FECJU, 1969).

Doravante, conforme o Estatuto da Federação Cearense de Judô, a partir dessa data, passando a FCJ, hoje FECJU; a ser responsável por dirigir, difundir, defender, controlar e fiscalizar,

de forma única e exclusiva a prática do Judô em todo o Estado do Ceará, caracterizada por não ter fins econômicos, com prazo de duração indeterminado, fomentadora do desporto, formada por suas academias filiadas (FECJU, 2017).

Tabela 4 – Primeira Diretoria da Federação Cearense de Judô.

PRIMEIRA DIRETORIA DA FEDERAÇÃO CEARENSE DE JUDÔ - 1969			
Presidente	Vice-Presidente	1º Secretário	2º Secretário
Dr. Luiz Paiva Freitas	Cap. Rômulo Silva Nogueira	Prof. Fernando Vasconcelos Franco	Manoel Vieira da Costa
1º Tesoureiro	2º Tesoureiro	Dpt. Técnico	Dpt. Médico
Dr. João Luciano Almeida Matos	Sgt. Juarez Ramos Costa	José Santiago Lima Filho Dr. Francisco Antônio de Brito Luiz Gonzaga Silva Filho	Dr. João Paiva Freitas Dr. José Maranhão Filho Dr. Valzenir Rodrigues Castro Dr. Jaime Benevides

Fonte: CAVALCANTE (2020, p. 48).

Sendo também de responsabilidade da FECJU, acompanhar a evolução e o desenvolvimento dos praticantes através dos Professores, inclusive daqueles que portam a faixa preta.

Capítulo 7

EVOLUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA GRADUAÇÃO DE FAIXA PRETA

“Quem for fundamentalmente um mestre, apenas toma a sério tudo o que se relaciona com os seus discípulos, incluindo a si próprio”.

Friedrich Nietzsche

Na jornada da vida tudo está passivo de evolução e desenvolvimento. No Judô essa premissa não é diferente, tendo em vista a sua origem e o contexto atual no qual ele é aplicado, pois conforme afirma Roza (2010), a gênese do Judô foi constituída “[...] com base científica”.

Resgatando parte do acervo cultural japonês que está associado a personificação dos Samurais, outrora em desuso com o advento da Era Meiji, *“foi que Jigoro Kano, praticante e estudioso das formas de Jujútsu, criou o Judô em 1882 (KANO, 2019)”*. O templo de Eisho-ji em Shitaia, foi o berço que acolheu a recém forma de luta sistematizada por Kano, mas logo as aulas de Judô foram transferidas para a Kodokan, esta que se tornou a primeira escola do caminho suave.

“Antigamente, as artes de lutas desarmadas não tinham categorias, graus, uniformes ou faixas (SANTOS, 2014, p. 111)”, portanto inicialmente os alunos praticantes do Judô, assim como os praticantes de outras formas de lutas, não tinham algo

que o identificasse, que expressasse o seu grau de conhecimento e tempo de prática na forma de luta.

Jigoro Kano com seu olhar voltado para cultura própria do seu país, idealizou e desenvolveu o *Judogui*¹¹, “*substituindo o antigo traje que os ju-jitsukas*¹² *utilizavam (SANTOS, 2014)*”, além da *Obi*¹³ e o sistema de graduação de faixas, baseado no *Shogi*¹⁴, que posteriormente foi inserido nas outras formas de lutas.

Segundo Santos, Neto e Silva (2008, p. 01), “*O Shogi, conhecido como Jogo dos Generais, é um jogo muito antigo e altamente estratégico, faz parte da cultura japonesa*”. Jogado desde o século XVI no Japão, ele se desenvolve em um tabuleiro de 9x9, nas quais dispostos verticalmente de cima para baixo, estão apresentadas na sequência alfabética as letras de “A” a “I”; já horizontalmente da direita para a esquerda, na região superior (norte) as casas do tabuleiro são dispostas com numerações crescente de 1 à 9, sendo as pedras utilizadas pelos jogadores, dispostas na região norte conhecidas como pedras pretas, e as da região sul são as brancas.

Figura 57 - Shogi.

9	8	7	6	5	4	3	2	1	
									A
									B
									C
									D
									E
									F
									G
									H
									I

Fonte: Elaborado pelo autor.

11 Vestimenta para prática do Judô.

12 Praticantes de Jujútsu.

13 Faixa.

14 Xadrez japonês

Com base no *Shogi*, Jigoro Kano estabeleceu a graduação de faixa branca para os iniciantes. Graduação esta, que traz os pressupostos de alguém que inicia na prática do Judô, podendo ser entendido filosoficamente e tecnicamente como aquele que tem a alma limpa, puro, inocente, desprovido de conhecimento.

É na faixa branca onde o aluno terá o primeiro contato com os princípios básicos no aprendizado do Judô, dos quais disciplina para cumprimentos dos treinos e para a vida, respeito pelos colegas (adversários) e professores; humildade frente ao constante aprendizado (por ter vencido um embate), paciência no seu processo evolutivo da aprendizagem, autocontrole para lidar com os intempéries da vida e do Judô, cortesia que é fundamental no refinamento do aprendizado com o outro e perseverança para dar continuidade na aprendizagem e evoluir sempre.

Ainda com base no Xadrez japonês, Kano também idealizou a graduação de faixa preta para um estágio avançado no estudo do Judô. Graduação esta que representa filosófica e tecnicamente que o praticante deve ter aprendido os princípios que outrora lhes foram inseridos desde a faixa branca, além do repertório técnico refinado que devem ser expressos pelos graus, os Dans.

Capítulo 8

YOU(DAN)SHA: UMA RELAÇÃO DE PODERES

"A nova fonte de poder não é o dinheiro nas mãos de poucos, mas a informação nas mãos de muitos".

John Naisbitt

Como forma de escalonamento crescente, os Dans (graus) no Judô vão do 1º Dan ao 10º Dan, devendo estes graus apontarem o nível de conhecimento que o Faixa Preta deve deter. *"Historicamente, pela primeira vez no mundo, no ano de 1886 os alunos de Jigoro Kano utilizaram suas Faixas Preta, indicando o seu nível através dos Dans (STEVENS, 2007)".*

Segundo a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), através do seu Conselho Nacional de Graus (CNG), nos afirma que os primeiros judocas que receberam o 1º Dan de faixa preta das mãos do Professor Jigoro Kano foram Tsunejiro Tomita e Shiro Saigo. Yoshiaki Yamashita foi o primeiro a ser promovido a 10º Dan por Jigoro Kano em 1935. Entre os 10 primeiros que obtiveram o 10º Dan, praticaram em média 58 anos para alcançar essa graduação (CBJ, 2019, s/n).

Figura 58 - Primeiras Graduações de Faixa Preta no Judô.

Primeiros Faixas Preta 1º Dan e Primeiro 10º Dan de Judô



Tsunejiro Tomita

Primeiros Faixas Preta 1º Dan



Shiro Saigo



Yoshiaki Yamashita

**Primeiro Faixa
Vermelha 10º Dan**

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Conforme Kano (2019, p. 31), aqueles que estão entre o primeiro e o quinto dan (grau) usam faixas pretas. Do sexto ao oitavo dan, a faixa tem linhas vermelhas e brancas. A partir do nono dan, é usada a faixa vermelha. Entretanto, quem está acima de sexto dan, se preferir, pode usar apenas a faixa preta.

Pelo exposto anteriormente, idealizam-se atribuições concernente aos Faixas Preta que tem sua gênese na sua graduação, onde quanto mais graduado, deve-se ter mais conhecimento; quanto mais conhecimento, deve-se ser mais sábio; quanto mais sabedoria, mais poder; e junto deste poder a reponsabilidade exponenciada é evidenciada. Conforme Foucault (2010, p. 30), “[...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”.

Figura 59 - Atribuições do Faixa Preta de Judô.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

No Brasil, a relação de poderes institucionais do Judô, aponta que a promoção de grau de faixa preta na arte suave, compete de forma exclusiva à Confederação Brasileira de Judô (CBJ), cabendo a esta a promoção do 6º ao 10º Dan (*Kodansha*), que por sua vez autoriza as Federações de Judô a realizarem exames de graduação do 1º ao 5º Dan (*Youdansha*); fator este que nos faz questionar a formação destes Faixas Pretas, que por vezes acreditam se tornarem professores após a sua promoção à faixa preta e poderem ter ascensão social com uma prática docente questionável.

O que se aplica em ampla escala pelas Federações de Judô, são cursos para graduação de faixas pretas e não de formação de Professores de Judô.

Pelo apresentado anteriormente, fica evidenciado o que Olívio Júnior e Drigo (2018), chamam de “*Judô Artesanal*”, sendo este o Judô desenvolvido nas escolas de ofício, fundamentado pela repetição do discente daquilo apresentado pelo docente, limitando-se ao “saber fazer”, como ocorre nas graduações de faixa branca a marrom, onde em locais diversos a ênfase dada são os treinos, que preconizam a repetição das técnicas visando a competição e não aulas de Judô,

Quando se chega à faixa preta o que existe é uma pseudo formação para dar aulas, ainda assim, alguns destes Faixas Preta acreditam terem uma formação em sua plenitude.

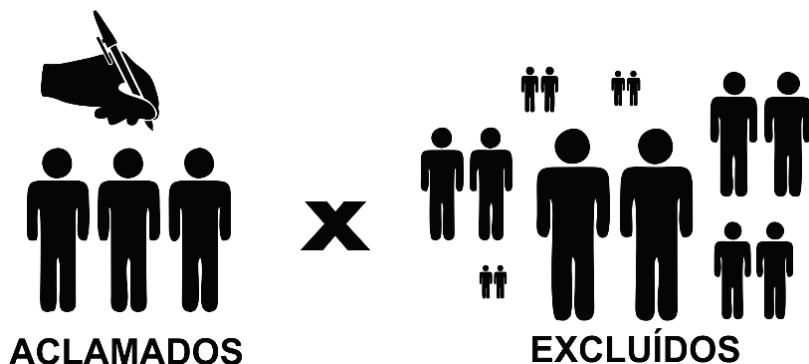
Junior e Drigo (2018a, p. 13, **grifo do autor**), nos afirmam que “os conhecimentos provenientes “da faixa preta ou dos anos de prática e seus dans, apesar de importantes, não são suficientes para atender as necessidades da atuação [...]” docente, pois “predominam os tradicionais cursos de cunho prático e transmissão artesanal de conhecimentos, com pouca inovação científica (JÚNIOR & DRIGO, 2018, p. 06)” ou mesmo nenhuma.

Muitas vezes numa espécie de conluio entre a necessidade de atingir metas propostas por políticas aligeiradas [...] das instituições **formadoras** e o desejo de consumo do diploma [...], forja-se um verdadeiro faz de conta em termos de formação [...] (MACEDO; AZEVEDO, 2013, **grifo do autor**).

Envolto em um poder local que envolvem políticas aligeiradas, parece que o “poder da caneta” existente no bolso de quem está à frente da gestão do Judô em alguns âmbitos, determina quem são os aclamados e quem são os excluídos; podendo ser observado por parte dos empoderados a vaidade, o individualismo, a arrogância, a petulância, a falsa moralidade, o autoritarismo, os comportamentos dúbios em sua conduta.

Comportamentos estes que acentuam a dúvida da idoneidade; parecendo esta idoneidade estar alicerçada a um caráter frágil, destoado de todos os princípios culturais, ideológicos, políticos, filosóficos, educacionais e sociais, permeado por Jigoro Kano, conforme expressa Carvalho (2007, p. 35, **grifo do autor**), quando nos afirma que o Judô “*enquanto prática social, histórica datada, esta **arte de combate** permanece a referendar o autoritarismo, o individualismo, a competitividade, a falsa **neutralidade** política e as práticas burocráticas medievais verificáveis por via empírica*”.

Figura 60 - O Poder da Caneta para Aclamados e Excluídos.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Para longe do empirismo, pode ser observado por parte de alguns que o contributo destinado ao Judô por vezes, só é realizado quando se está inserido no curso preparatório para o exame de faixa preta, ou na busca de um grau a mais; não sendo incomum encontramos estes praticantes de Judô somente no período do curso, e ao finalizá-lo não darem mais a sua contribuição. Desta feita evidenciando-se prioritariamente a busca de ascensão hierárquica pela graduação; inclusive para não ficar para trás, frente a outros praticantes que de alguma forma se aproximaram da sua graduação ou mesmo se equiparam.

No transcurso das graduações de faixa preta, parece que em determinados momentos o que acontece não são promoção à Dans, mas sim um verdadeiro festival em que "Dão" a graduação; favorecendo alguns que de forma clara ostentam soberbamente os graus, sem a devida qualificação para portar a graduação, em detrimento daqueles que investiram e investem, inclusive academicamente contribuindo com o Judô como ciência, em uma prática distante do empirismo, minimizando o(s) poder(es) do(s) DA(N)os no Judô.

Figura 61- Menos Da(n)o Judô.

DAN + **FORMAÇÃO SUPERIOR** **= - DA(N)O JUDÔ**
Educação Física

Fonte: Elaborado pelo Autor.

"[...] Quando se fala em poder as pessoas pensam imediatamente em uma estrutura política, em um governo, em uma classe social dominante, no senhor diante do escravo (FOUCAULT, 2006, p. 276)", implicando desta forma nas relações deste poder, que por vezes pode ser observado nos mais graduados em relação aos menos graduados, pois segundo Santos (2016, p. 262), "O poder pensado como relações de poder traz a ideia de força."

"A correspondência entre força e poder é direta. Poder é força. [...] as especificações que definem as relações de poder demarcam a realidade do que é propriamente essa relação (SANTOS, 2016, p. 263)". Analiticamente o poder baseado em

Foucault permeia por três planos de relações, sendo elas relações estratégicas, relações de poder e relações de dominação.

A relação de dominação associada a graduação de faixa preta, predomina no empoderamento diante de uma relação servil, podendo ser verificada ainda no século XXI, em algumas academias, determinados "Professores de Judô" privando o aluno de beber água durante as aulas, em uma falsa impressão de fortalecimento ou mesmo acreditando-se na melhora da resistência do organismo do aluno.

Nesta mesma perspectiva de dominação, como exposto anteriormente, não é incomum observarmos alguns "Professores de Judô" incentivando seus alunos (considerados por ele como atletas) que estão em fase de desenvolvimento físico a se submeterem a condições variadas de desidratação; usando sacos plásticos, diuréticos, camisas, agasalhos e judogui para correr exposto ao sol, com objetivo de manter o aluno/"atleta" na categoria de peso para competir. A CBJ (2021), recomenda que *"em vez de se procurar excessivamente por resultados precoces, que se busque valorizar os benefícios do esporte para a saúde"*.

Não obstante, por vezes, ainda pode ser observado sob a prática artesanal, alguns "Professores de Judô", obrigarem os alunos a executarem repetições abusivas de *"pulinhos de galo"*, como forma de aquecimento nas aulas ou como forma punitiva; consistindo estes *"pulinhos"* de uma forma de agachamento à fundo, com alternância dos membros inferiores, no qual proporciona nos joelhos uma anteriorização da tíbia, compressão dos meniscos, fragilidade ligamentar e por conseguinte instabilidade articular, caracterizando uma lesão.

Ainda podem ser observadas por parte de alguns "Professores de Judô", no intuito de mostrar domínio sobre aos alunos; práticas violentas envolvendo projeções dos praticantes no solo, podendo ser potencialmente lesivas e levar o aluno ao óbito.

Rossi (2021), nos afirma que um garoto de sete (07) anos foi a óbito após ficar em coma por 70 dias. Ele foi internado no dia 21 abril de 2021, após uma aula de judô em Taiwan,

na qual o professor e os colegas o derrubaram no tapete mais de 27 vezes, até ele desmaiar e sofrer uma hemorragia cerebral.

Situação como a exposta anteriormente, mostra o despreparo e uma falsa apropriação do conhecimento, além do empoderamento amiúde deste "Professor" para atuar profissionalmente. *"O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas de saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico. Ele é força, e relação de forças, não forma (DELEUZE, 2008, p. 112)"*.

Fato semelhante ao exposto anteriormente ocorreu outrora na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará (CE), tendo repercussão em todo território nacional, mas felizmente o aluno em questão se apresentou mais habilitado nas técnicas de amortecimento, no vídeo divulgado nas redes sociais, mas não sofreu danos que compromettesse a sua vida. Segundo Kano (2008, p. 78), *"O valor real de uma pessoa é determinado com base no quanto ela contribuiu para a sociedade durante a vida"*.

Segundo Silva (2017, p. 183), *"O Judô exige constância, tempo, perseverança e dedicação, uma lapidação de longo prazo"*, por isso baseado na teoria dos contrários de Heráclito, podemos afirmar que a graduação de faixa preta, não representa o término do aprendizado no Judô, mas sim o início de um novo ciclo de estudos e construção do conhecimento distribuído em dez (10) graus; mas vale lembrar que nem todo Faixa Preta de Judô é um docente desta forma de luta.

Capítulo 9

NEM TODO FAIXA PRETA DE JUDÔ É UM PROFESSOR DE JUDÔ

“O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam, paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes e fé para acreditar naquilo que não compreende”

Jigoro Kano

No processo da construção do conhecimento no Judô, se usa a linguagem japonesa, de maneira universal, sendo inclusive, muito comum o Faixa Preta de Judô ser chamado de *Sensei* (VELTRE, 1989, p. 96, 97; VILLAMÓN, 1996, p. 329; SANTOS, 2014, p. 137).

No Brasil, é comum a palavra *Sensei* ser traduzida como Professor, mas segundo Paolo (2020), *Sensei* não significa Professor, pois *Sensei* é a junção de “**Sen**” que significa **avançado** e “**see**” que significa **aluno**, portanto *aluno avançado*, como por exemplo *Jokyuse*; que é um aluno universitário.

Se considerarmos o Faixa Preta como aluno avançado, ele pode ser chamado de *Sensei*, mas não referendando a Professor. Essa afirmação é reforçada tendo em vista as instituições que regulamentam o Judô realizarem Curso de Formação de Faixas Preta e Graus Superiores (CFFPGS), como ocorre por exemplo na Federação Cearense de Judô (FECJU).

Figura 62 - Capa da Apostila do CFFPGS.



Fonte: Federação Cearense de Judô (2018).

Por vezes o termo *Sensei* é exigido por alguns como forma de galantear o ego quando se tornam Faixa Preta, no entanto existe o outro lado; onde é evidenciado o respeito por aquele que tem mais tempo de vida na modalidade ou que veio antes, como é traduzido do *Kanji*¹⁵ o termo *Sensei*. Outra forma em que se emprega a utilização do termo *Sensei*, é quando não se sabe o nome próprio do Faixa Preta, sendo assim utilizado de forma genérica.

Segundo Tegner (1969, p. 22), *“Há muitos conceitos errados, preconceitos e confusões a respeito do portador de uma Faixa Preta”*. Por fato a Faixa Preta, aponta que o seu portador deve ser um perito na prática do Judô, pois como afirma White (1989, p. 19), *“A cor da faixa usada por um Judoca indica a sua*

¹⁵ Os Kanji, são caracteres da língua japonesa adquiridas a partir dos caracteres chineses, da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever junto com os caracteres silábicos japoneses katagana e hiragana. No mundo ocidental, os Kanji, são sinônimos de ideograma.

capacidade [...] e grau de conhecimento [...]”, mas a obtenção da Faixa Preta, não qualifica o judoca automaticamente como Professor, como nos afirma a FECJU (2018, p. 11), dizendo que *“Ser Faixa Preta não é sinônimo de Professor de Judô, [...]”* e por analogia, mediante o exposto acima, nem todos os Faixas Preta deveriam ser considerados como *Sensei*.

“É evidente que a profissão Professor também vem passando por uma crise de identidade [...] (LODI, 2013)”, não sendo diferente no Judô, pois em um passado recente, era raro encontrarmos Faixas Preta, era um sonho; hoje em dia, bem próximo de nós, são facilmente encontrados, inclusive com comportamentos deploráveis e formações questionáveis.

Figura 63 - De Faixa Branca a Faixa Preta.



Fonte: bjjfanatics

Segundo a FECJU (2018, p. 11), existem três tipos de Faixas Preta, sendo o primeiro a pessoa que por colaborar na divulgação do Judô tem o reconhecimento de seu serviço com um certificado de Faixa Preta Honorária, sendo assim conhecido como **Mey-Dan**. Existe também, a pessoa que é judoca e treina regularmente, mas não possui índice técnico para ser aprovado em exame de faixa preta oficial, por ser muito antigo, e para evitar

constrangimentos, pode receber uma faixa preta em reconhecimento ao demonstrado, sendo este conhecido como ***Suisen-Dan***; e por último, existe o ***Jitsu-Kyoku-Dan***, que foi aquele praticante que se submeteu a banca examinadora e foi aprovado, possuindo nível técnico e treinamento que justifica a sua graduação.

Tabela 5 - Tipos de Faixas Preta.

TIPOS DE FAIXA PRETA		
MEY-DAN	SUISEN-DAN	JITSU-KYOKU-DAN
Faixa Preta Honorária	Faixa Preta por Antiguidade	Faixa Preta Aprovado em Exame de Faixa

Fonte: CAVALCANTE, J. S. (2020) - Baseado na Apostila do CFFPGS da FECJU – 2018.

O “Professor”/Faixa Preta que “conquistou” sua graduação por serviços prestados, fazendo de alguma forma o *Marketing* do Judô (divulgação em programas televisivos, jornais, nos rádios e outros meios de comunicação), nos remete a pensar se ele pode ser considerado Professor de Judô, assim como aquele que não tem índice técnico, pois nos faz refletir sobre que possíveis vivências, bojo técnico e conceitual ele possui, que possa ser ofertado aos seus alunos para otimizar o aprendizado do Judô (CAVALCANTE, 2020).

Barros (1988, p. 124), nos afirma que *“Caracteristicamente, ontem, como hoje, a pedagogia japonesa baseia-se no exemplo e na repetição infinita. O mestre é, o discípulo imita”*; parece-nos que é considerado “Professor de Judô” por alguns; aquele que apresenta nível técnico e treinamento que mensurados por banca examinadora, possa ser aprovado, estando apto a portar a faixa preta.

Conforme Nóvoa (2019, p. 6), não se trata de convocar apenas as questões práticas ou a preparação profissional, no sentido técnico

ou aplicado, mas de compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões (teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas, simbólicas, etc.).

Para a atuação profissional como professor o processo formativo é considerado essencial, especialmente na formação inicial, mas também ao longo da profissão na perspectiva da formação continuada, uma vez que a docência exige constante aperfeiçoamento de práticas, conhecimentos e saberes (FREIRE; SKEIKA, 2015, p. 170).

Acredita-se, portanto, que o “professor” de Judô será mais qualificado se fizer o curso de Educação Física, e para que isso aconteça o profissional deverá, não somente cursar, mas sim formar-se em Educação Física, pois a federação não é uma universidade, então **ela não forma professores**, ela forma o faixa preta (COSTA & LARA, 2019, p. 31, **grifo do autor**).

Conhecimentos e saberes se pressupõem que transcendam o “caminho suave” e que existam imbricados na personificação icônica dos Faixas Pretas de alto grau no Judô, os Kodanshas.

Capítulo 10

KO(DAN)SHA: DE BRANCA A VERMELHA, DEVIR UM OUTRO (SER) “MESTRE”

“É na limitação que se revela o mestre”

Johann Goeth

O aperfeiçoamento das práticas, embasados por leituras alicerçadoras, direcionam ações a serem desenvolvidas sob a égide da expertise conforme o tempo transcorrido e o conhecimento adquirido, pois são fatores que permeiam a maestria. Desta feita, o (ser) Mestre, traz embricado em si o fator experiência que convergem vivências, leituras para ações assertivas, evidenciadoras da sabedoria.

Figura 64 - Sabedoria em Evidência.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Ferreira (2010), e o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), além do Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (2021), nos dizem que Mestre é: 1.Homem que ensina; professor; 2.Aquele que é perito

ou versado numa ciência ou arte...3.Homem superior e de muito saber; 13.Aquele que tem o mestrado...;23.Que é superior a...;25.Que é o mais importante; que serve de base ou de guia; principal, fundamental.

Etimologicamente, a palavra *mestre* vem do latim *magister*, significando *professor*. A palavra *doutor* também vem do latim *doceo*, significando *eu ensino*. Tais terminologias, quando destacadas como titulações hierarquizadas, geraram (e ainda geram) diversas discussões ideológicas, por conta de seus nivelamentos superiores ou inferiores (MO-CARZEL, 2021, p. 20).

Hoje, a palavra Mestre, parece ter caído no ostracismo de retórica diária, banalizada por muitos, valorizada e valorada por poucos. Alguns sob o ópio da ignorância não acompanharam o mundo atual, que é diferente dos primórdios das cavernas e do período feudal japonês; o que denota que nossas ações e costumes antigos tem que ser repensados, não cabendo o empirismo, mas sim ações pautadas no conhecimento, na inteligência e na sabedoria; tendo por base destes preceitos a humildade para o reconhecimento das limitações, como também da sua supremacia.

A supremacia de ser um Mestre, não consiste em ser mais; mas sim na busca constante para tornar-se menos; onde este termo "menos" deve ser permeado por ser menos vaidoso, menos rancoroso, menos agressivo, menos autoritário, menos cobiçoso, menos invejoso, tendo em vista a constante possibilidade de se atingir a perfeição, sendo humilde diante das adversidades que as lutas nos proporcionam.

Nas lutas, alguns personagens diante da sua humildade, inteligência, estudo, conhecimento, sabedoria, foram e são apontados como excepcionais; são eles os Mestres, os quais Stevens (2007), nos aponta como sendo Os Três Mestres do Budô¹⁶: Morihei Ueshiba (Aikidô), Gichin Funakoshi (Karatê) e Jigoro Kano que criou o Judô, no qual posteriormente, para além de

16 Caminho do Guerreiro.

ser uma luta, tornou-se um esporte de combate, pois de acordo com Junior et al. (2019, p. 13),

“O Judô é uma atividade esportiva de luta que contém traços da cultura japonesa adjacente a sua prática”.

Com o processo de esportivização das Artes Marciais e das Lutas, atendendo ao apelo midiático das competições, das exibições e do espetáculo, isso fez com que as formas de lutas, por alguns, perdessem a sua essência, havendo uma valorização mercantilista em detrimento da sua filosofia e da sua própria constituição histórica, desmerecendo todo o constructo de potencialidades dos Mestres.

Vivemos no **mundo midiático**, no mundo das aparências e das superficialidades. Parecer é mais importante do que ser. A **ostentação** é uma característica marcante dos tempos atuais, tempos da **sociedade do consumo** e da competição. Muito se faz para se mostrar aos outros em detrimento do que se poderia fazer pelos outros ou para o engrandecimento de si próprio. Tudo se faz pela aparência, em prejuízo da essência. É o mundo das celebridades que nada dizem, nada acrescentam e nada são (BROM, 2014, **grifo do autor**).

Ostentar o título de Mestre é a característica de muitos, no entanto em sua essência ser Mestre é para poucos. Mestre é uma designação à praticantes experientes e com vasto tempo de estudo de sua arte; no Judô não é diferente, pois conforme Santos (2012, p. 92), ser Mestre “*É ser o início, o meio e nunca o fim*”.

Com a “facilidade” de se tornar Faixa Preta, hoje prevalece o desejo de se tornar Mestre ou conforme traduz Duncan (1989), para o japonês; “*Shihan*, no entanto Villamón (1996),

nos diz que *Shihan* significa “*Maestro Excepcional (modelo, fundador)*”.

Diante do exposto anteriormente Velte (1989), complementa referendando que o título da *Shihan*, “*é um título dado ao dignatário, exemplo, mestre, professor, doutor ou instrutor mais ilustre, como p.ex. a JIGORO KANO [...]*”, fundador do Judô e o único a ser exemplarmente *Shihan/Mestre*, não cabendo este título ou honraria a nenhum *Youdansha*¹⁷ ou mesmo a um *Kodansha*¹⁸. Conforme a CBJ (2022), “*ao longo de sua vida, Jigoro Kano alcançou o doutorado em Judô, uma graduação equivalente ao 12º Dan, honraria concedida apenas ao criador do esporte*”.

Figura 65 - Graduação Máxima do Jigoro Kano.

GRADUAÇÃO DE FAIXA PRETA			
Sensei (Sns) / Faixa Preta (FP)			
Yûdansha (Yds)	Kôdansha (Kds)	Kôdansha (Kds)	Shihan (Shn)
1º ao 5º Dan	6º ao 8º Dan	9º e 10º Dan	11º e 12º Dan
			Jigoro Kano

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Shihan, existe somente um; *Kodansha*, existem vários.

Kodansha é um título de alta graduação, específico do Judô criado pelo Instituto Kodokan, e que deve ser outorgado àqueles que se empenharam no aprendizado, na prática contínua, na demonstração da sua eficiência técnica, e à devida dedicação no ensino, no estudo e na pesquisa do Judô. Portanto, é depositário e responsável pela difusão dos princípios filo-

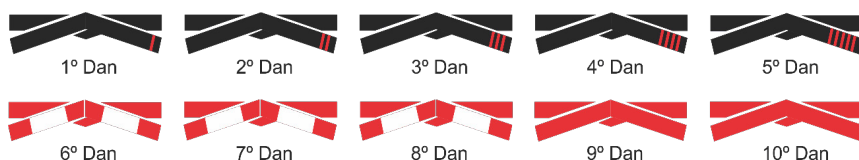
17 Faixa Preta de Nível Graduado do 1º ao 5º Dan (Grau).

18 Faixa Preta de Nível Superior/Pós Graduado do 6º ao 10º Dan.

sóficos e educacionais do Judô, preconizados pelo Prof. Jigoro Kano (CBJ, 2017, s/n).

*"Sendo a escala máxima na hierarquia e o representante da **essência** do judô, o grau de Kodansha é amplamente pleiteado pelos faixas preta do quinto dan (GARCIA et al. 2013, **grifo do autor**)".*

Figura 66 - De Yūdansha à Kodansha.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Segundo Ichikawa (2010), corroborando com a CBJ (2022), nos afirma que, *"Ser Kodansha é ter um nível de pós graduação dentro do Judô"*, e eles, *"Os Kodanshas são considerados **pesquisadores** e **professores**, e devem agir como tal, buscando sempre mais sabedoria e aperfeiçoamento"*, pois o judoca se caracteriza por estar preparado para ampliar seu acervo de sabedoria em constância.

Pós Graduação é o **aperfeiçoamento** do indivíduo dentro da sua área de atuação. Uma pessoa pós-graduada se preparou estudando, pesquisando e principalmente se esforçando para merecer esse título. Dentre as atividades dos pós-graduados estão as pesquisas, o desenvolvimento e a disseminação dos seus conhecimentos (ICHIKAWA, 2010, **grifo do autor**).

Parte dos Pós Graduados no Judô, parecem não conhecerem o porquê das cores na faixa coral que usam, e quem as escolheu, mesmo com tanto tempo de vida no Judô; evidenciando a necessidade do estudo contínuo.

As cores, vermelha e branca, presente nas faixas dos Kodanshas, segundo Yamamoto (2019), foram escolhidos pelo próprio Jigoro Kano, referendando a dois grupos de Samurais rivais do século X, que tinham nestas cores a identificação dos seus clãs.

No século X, os Samurais entravam em embate pelo controle absoluto do Japão. O clã Genji, da região de Kanto, hoje Kamakura usava bandeiras branca, já o clã Heike da região de Kansai, hoje Quioto, utilizava bandeiras vermelha. Com a vitória dos Genji, o governo se estabeleceu em Kamakura, no entanto no Japão a cor vermelha, conforme Yamamoto (2019), significa “alegria”, desta feita Jigoro Kano Shihan, prezando pelas raízes constitucionais do Judô e estudioso das formas de lutas, designou a cor da alegria a ser usada pelos Kodanshas de 9º e 10º Dan.

Figura 67 - Samurais Genji X Samurais Heike.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Brom (2014), nos afirma que há aqueles que justamente porque estudaram muito, compreenderam a sua própria ignorância, compreenderam a complexidade das coisas da vida e que, portanto, são mais cautelosos e reflexivos diante dos problemas e desafios.

Ser um Kodansha é desafiador; *“Nunca um judoca está suficientemente bem preparado, sempre existe algo mais a ser alcan-*

çado [...] (VIRGÍLIO, 2002, p. 77)". Segundo Garcia et al. (2013), "[...] a faixa vermelha e branca representa muito, pois a gente só começa a aprender judô a partir da Faixa Preta, embora certos Kodanshas estejam despreparados para a graduação que têm".

Os Kodanshas estão cada vez menos preparados e serão esses que ensinarão e julgarão a próxima geração, e assim sucessivamente. Estamos deixando acontecer com o judô o mesmo que acontece com o ensino nas escolas públicas, de tempos em tempos o nível do corpo docente cai, consequentemente os alunos saem das escolas despreparados, sem conhecimento, disciplina ou respeito, enfim, sem conhecer os valores importante na formação do homem (ICHIKAWA, 2010).

A Confederação Brasileira de Judô (CBJ, 2021), nos afirma que *"O Kodansha, para usufruir de tal graduação não pode deixar de se preocupar com o conhecimento, e ignorar o estudo teórico, técnico e científico do Judô, o que vem a ser um imperdoável desmazelo e desleixo intelectual"*, pois segundo Gracían (2020, p. 14), *"saber e determinação conferem grandeza"*.

De acordo com Gracían (2020, p. 14), *O saber e a determinação por serem imortais, fazem imortais [...]"*. Não, em hipótese alguma somos imortais, mas podemos ser eternos com os nossos feitos em vida, *"[...] pois cada pessoa é o que sabe, e o sábio pode tudo. Homem sem informação, mundo às escuras. Discernimento e força, olhos e mãos; sem determinação a sabedoria é estéril (GRACÍAN, 2020, p. 14)"*, por isso a constituição de um Kodansha, transita por ações que devem colocá-lo como *"[...] sujeito da história, em vez de objeto (BEHENS, 2013, p. 83)"*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem pretensão de potencializar o cunho saudosista desta obra, podemos chegar a conclusão que o aparato histórico apresentado, constitucional da terra da cerejeira, através dos seus períodos que nos norteiam de forma consistente para as origens do Judô no Japão e no Brasil, são fundamentais para que possamos compreender como o Judô iniciou no Estado do Ceará, dada a importância deste fato e dos pioneiros do Judô cearense, além do legado deixado por eles.

O Judô hoje não tem as mesmas características daquele constituído por Jigoro Kano, quando evoluiu das formas antigas de Ju-jutsu, pois hoje o Judô sendo não somente uma forma de luta, mas também um esporte de combate, implica em ações que não podem ser baseadas no empirismo. Já não é mais cabível aos Faixas Preta de Judô, ficarem limitados a formas condicionadas de ações que expressam a realidade vivida dos seus professores ou mesmo a replicação daquilo experienciado em cursos que por vezes não agregam em nada ou amiúde.

A graduação de nível superior em Educação Física, é a formação que possibilita ações diversas frente ao acervo que o Judô requer e pode proporcionar para o desenvolvimento de sua prática com todos os públicos.

Corroborando como Junior et al. (2019, p. 57), [...] percebemos a necessidade da valorização da formação em Educação Física associada ao conhecimento dos técnicos de Judô, haja vista que, essa formação possibilita aos técnicos conseguirem estruturar cada vez mais seus treinos e suas tomadas de decisão visando alcançar resultados expressivos associados aos objetivos esportivos.

Sob o olhar desta forma de luta cerceada pela ciência do treinamento desportivo, percebe-se a necessidade de saberes que envolvem a fisiologia, fisiologia do exercício, biomecânica dentre tantas outras vertentes que o desporto requer, que per-

meiam todas as instancias da prática do Judô para seu desenvolvido de forma segura, para além da conquista dos graus.

Ficar limitado a DAN (grau), é um DANO para o Judô, pois em um futuro não tão distante, isso pode implicar em Kodanshas dignos de serem apreciados somente pela beleza que suas faixas apresentam. Faz-se necessário devir faixas pretas (de alto grau) diferenciados, com saberes que transcendam o Dojô, para que vivências outras possam surgir e histórias possam ser contadas.

POSFACIO

Documentar a evolução e o desenvolvimento de qualquer ciência, desporto ou filosofia, tornam-se importantes ferramentas de estudo para qualquer indivíduo, acadêmico ou não, a fim de compreender suas mudanças de paradigma, seus meandros e suas características.

No Judô não é diferente, seu caráter multidisciplinar, que nos primórdios manteve-se restrito ao território japonês, por influência de seu criador rompeu barreiras e espalhou-se pelos quatro cantos do globo, encontrando e absorvendo outras culturas, evoluindo e desenvolvendo-se; e no Brasil, isso não é diferente, pois vivemos em um país continental, com culturas regionais enraizadas e costumes locais perenes. Esta diversidade influenciou e influencia o Judô nacional de uma forma rica, sendo um dos pilares do sucesso dos judocas do Brasil em tatames de todo mundo.

Obras como esta são importantes documentos no cultivo e divulgação de nossas tradições e conhecimentos, firmando-se como importantes registros da capacidade do Judô capilarizar-se, absorver uma cultura muito diferente da japonesa, como é a nossa.

O Estado do Ceará teve importante papel no cenário nacional, sendo o pioneiro do Judô no nordeste de nosso país. É um dever nosso dar luz aos pioneiros do nosso esporte no país, mostrando não só suas origens, mas sobretudo sua importante contribuição para a construção do Judô Brasileiro.

Professor Doutor Ney Wilson Pereira da Silva

Profissional de Educação Física

Faixa Preta/Kodansha 8º Dan de Judô

Ex Gestor de Alto Rendimento da CBJ

Coordenador de Espotes do Comitê Olímpico do Brasil

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, W. C. Relato [19 de junho de 2020]. **Entrevistador CAVALCANTE, Jean Silva**. Fortaleza. Zoom (40min:43seg), MP4, 130MB. Entrevista concedida para o desenvolvimento da Monografia da Especialização em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

ASAKAWA, K. **The Early Institutional Life of Japan**: a study in reform of 645. [S.l.:s.n.], 1963. 267p.

BARRETO, G; GOZZI, R. **Anatomias**: os universos do corpo humano. São Paulo: nVersos, 2019.

BARROS, B. F. **Japão a Harmonia dos Contrários**: uma experiência humana singular. São Paulo: T. A Queiroz, Editor LTDA. 1988.

BATTEN, B. Foreign Threat and Domestic Reform: the emergence of the Meiji state. **Monumenta Nipponica**, v. 41, n. 2, p. 199-219, 1986.

BEHENS, M. A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BROM, Luiz Guilherme. O Valor do Diploma. São Paulo: **Revista Gestão e Negócios**; Editora Escala, 2014. Disponível em: <<http://revistagestaoenegocios.uol.com.br/artigos/o-valor-do-diploma/1838>>. Acessado em: 27. jan. 2021.

BUENO, A. **A Arte da Guerra Chinesa**: uma história da estratégia na China de Sunzi e Mao Zedong. São Paulo: Amdras, 2019.

CAIRUS, J. **Modernization, Nationalism and The Elite**: the genesis of Brazilian Jiu-Jitsu, 1905-1920. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 100-121, jul/dez. 2011.

CALLEJA, C. C. **Cadernos Didáticos**: judô. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 1989.

CAMBI. F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CANCELLA, K. **O Esporte e as Forças Armadas na Primeira República**: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014. ISBN: 978-85-7011-540-9.

CANCELLA, K; GARRIDO, F. A. C; ÁVILA, E. B; SOARES, V. Q; GROSS, P. da S. C. **100 anos de esporte na Marinha do Brasil**: da "Liga de Sports" ao Programa Olímpico Rio de Janeiro: Agência 2A Comunicação, 2015. ISBN 978-85-61672-20-1.

CARVALHO, M. **Judô**: ética e educação – em busca dos princípios perdidos. Vitória: EDUFES, 2007.

CAVALCANTE, J. S. **O Profissional de Educação Física/Judô**: um estudo acerca da sua formação em saúde. 2020. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

CAVALCANTE, J. S; ARAÚJO, C. C. S; SILVA, I. M. B. O Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação da Educação Física Escolar. In. MOCARZEL, R. C. S. **Licenciatura em Educação Física**. 1. ed, Curitiba: Appris, p. 63- 91, 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ - CBJ. **O Kodansha Consciente**. Disponível em: <https://cbj.com.br/blogs/53/o-kodansha-consciente.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

_____. **Programa de Desenvolvimento Esportivo das Equipes de Transição da CBJ**: uma proposta metodológica. [livro eletrônico], 1. ed. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://cbj.com.br/painel/arquivos/biblioteca/arquivo_cbj_084610201221.pdf. Acesso em: 03 fev. 2022.

_____. **História do Judô**. 2017. Disponível em: http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/. Acesso em: 24 jul. 2019.

_____. **Regulamento Para Exame e Outorga de Faixas e Graus**. Conselho Nacional de Graus (CNG). 2019.

COSTA, J; LARA, L. Judô Sob Orientação Profissional. (IN) CONFEF. Educação Física. **Profissional de Educação Física**: categoria profissional, título define inserção no mercado de trabalho. n. 70, a. XVII, Jan/Fev/Mar, p. 30-32, 2019.

CURY, A. **Um Homem Sem História é Como Um Livro Sem Letras**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTIyMDUwMQ/>. Acessado em 09 jan. 2021.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: ed. 34, 2008.

DIEM, Carlos. **Historia de los Deportes**. v. 1, Barcelona: Luis de Caralt, 1966.

DRIGO, A. J. **Lutas e Escolas de Ofício**: analisando o Judô brasileiro. Motriz, Rio Claro: v. 15, n. 2, p. 396-406, abr– jun. 2009.

DRIGO, A. J; CESANA, J. Processo de reestruturação produtiva e econômica, da formação artesanal à industrial e a construção das profissões: recortes com a Educação Física brasileira, artesanato e profissão. **Revista Educação Skepsis**. São Paulo, v. 3, p. 1-20, 2011.

DUMONT, R. Pi; DE MATOS, R. S; FILHO, J. C. C. N; PINTO, D. V; CAMINHA, J. S. R.; NUNES, M. P. Ol. Incidência de Lesões em Praticantes Recreacionais de Jiu-Jitsu. **Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.17, n. 3, p.71-78, 2018.

DUNCAN, O. **Judô: Luta no Chão**. Edições de Ouro, 1989.

FEDERAÇÃO CEARENSE DE JUDÔ - FCJ. **Ata da Primeira Reunião de Dirigentes de Academias de Judô, para Fundação da Federação Cearense de Judô.** Fortaleza, 1969.

FEDERAÇÃO CEARENSE DE JUDÔ - FECJU. **Curso de Faixa Preta 2021 (Modulo II):** história do judô/Ceará, por Rafael Sampaio Lopes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLSnYzhrbXk>. Acessado em: 24 abr. 2021.

_____. **Curso de Formação de Faixas Pretas e Graus Superiores.** Fortaleza: [s.n.], 2018. (Guia de Estudo).

_____. **Estatuto Social e Ata da Assembleia Geral Extraordinária e Assuntos Gerais da Federação Cearense de Judô.** 6º Ofício de Notas-Cartório Melo Júnior, Fortaleza, p. 1-29, 2017.

FÉLIX, M. "Começaria Tudo de Novo". **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13. fev. 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/comecaria-tudo-de-novo-1.739328>. Acessado em: 20 maio 2021.

FERREIRA, H. S. **Ensino de Lutas na Escola.** Fortaleza: Peter Rohl Edição e Comunicação, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurelio.** 5. ed, Positivo, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 3. ed, 2009.

_____. **El Sujeto y El Poder.** 2007. Disponível em: <http://www.campogrupal.com/poder.html>. Acesso em 15 dez 2021.

_____. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In. MOTTA, M. B. **Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, p. 264-287, 2006.

FREIRE, L. I. F; SKEIKA, T. Conhecimentos e Saberes Necessários Para A Docência: contribuições do processo formativo e da experiência profissional. 2015. ISSN: 2176-1396. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19454_10124.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

FREITAS, F. M. C. Depoimento [22 de junho de 2020]. **Entrevistador CAVALCANTE, J. S.** Fortaleza. Zoom (59min:46seg), MP4, 237MB. Entrevista concedida para o desenvolvimento da Monografia da Especialização em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

GARCIA, R. A; MELLO, A. S; SILVA, V. R. F; VOTRE, S. J. Práticas e Representações Sobre o Nível Kodansha no Judô Fluminense. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. ISSN: 1981-4313, v. 12, n. 2, 2013.

GASKIN, C; HAWKINS, V. **Breve Historia de Los Samuráis**. [S.l.]: Espanha Nowtilus, 2004.

GOMES, O. **Professor Lima Vai Movimentar Judô Cearense**. O fato Esportivo. Fortaleza: [s.n.], 1962.

GRACÍAN, B. **A Arte da Sabedoria**. Barueri: Novo Século Editora, 2020.

GRACIE, R. **Carlos Gracie**. Rio de janeiro: Record, 2008.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ICHIKAWA, O. **Judô Paulista Reflexão e Análise: kodansha - pós graduados de judô**. São Paulo: 2010. Disponível em: <https://>

groups.google.com/g/associacao-judo-queiroz/c/WmZ4a3E_msw. Acessado em 07 fev 2022.

ISHII, C. **Os Pioneiros do Judô no Brasil**. São Paulo: Évora, 2015.

JUNIOR, L. F. C.; FERNANDES, M. M.; JUNIOR, J. A. O.; DRIGO, A. J. **Memórias de Boas Práticas no Esporte**: profissionais de educação física no contexto do olimpismo. São Paulo: CREF4, 2019.

JUNIOR, J. A. O.; DRIGO, A. J. (Orgs.). **Pedagogia Complexa do Judô 2**: interface entre Treinadores Profissionais de Educação Física. São Paulo: CREF4/SP, 2018.

JUNIOR, A. C. T.; DRIGO, A. J. **Modelos de Treinamento de Judô Propostos por Treinadores de Elite**. São Paulo: CREF4/SP, 2018a.

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2019.

_____. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamento, 2008.

KLINGERSTORFF, H. K. V. **Judô sem Mestre**. Rio de Janeiro: Tecno Print, 1968.

KODOKAN, JUDO. **Illustrated Judo**. Tóquio: Dainippon Printing Co Ltda., 1964.

KUNH, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LASSERRE, R. Judô: Manual Prático. S. I. Mestre 1969. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Manual de Orientação Currículo de 1º Grau**: Educação Física. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora LTDA, 1976.

GOFF, J. **História e Memória**. Campinas SP: UNICAMP, 1990.

LISE, R. S; CAPRARO, A. M. Primórdios do Jiu-jitsu e dos Confrontos Intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Elsevier Editora Ltda. v. 40, n. 03, p. 318-324, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.003>.

LODI, I. G. **Sobre o Ofício de Mestre**: maneiras de ser e estar na profissão. *Revista Evidência*. Araxá, v. 8, n. 9, p. 49-61, 2013.

MACEDO, R. S; AZEVEDO, O. B. **Infâncias-Devir e Currículo: a afirmação do direito das crianças à (aprendizagem) formação**. Ilhéus: Editus, 2013.

MAÇANEIRO, G, G. B. **Do Judô ao Gracie Jiu-Jitsu**: a influência do judô kodokan na idealização e no desenvolvimento do jiu-jitsu brasileiro. 2012. 56f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MESQUITA, C. W. **Judô...da Reflexão a Competição**: o caminho suave. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA: 2009. <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/luta/>. Acesso em: 3 out. 2021.

MONTEIRO, H. **O Feudalismo**: economia e sociedade. São Paulo: Ática, 1987.

MONTEIRO, L. B. **O Treinador de Judô no Brasil**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.

MOCARZEL, R. C. S. Sobre a Conjuntura da Universidade e a Formação de Mestres e Doutores ontem e Hoje: uma breve

discussão e reflexão dos conceitos. In. (Org.). MOCARZEL, R. C. S. 1. **Licenciatura em Educação Física**. Curitiba: Appris, p. 17-38, 2021.

MUNENORI, Y. **A Espada Que Dá Vida**: ensinamentos secretos da casa do shogun. São Paulo: Cultrix, 2013.

MUSASHI, M. **O Livro dos Cinco Anéis**. Barueri: Novo Século Editora, 2015.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NOGUEROLES, V. M. **Judo**: arte & técnica. Buenos Aires: el autor, 2009.

OGAWA, H. Precursor na Difusão do Judô no País: Ryuzo Ogawa é uma lenda do esporte. 2014. In. AZEVEDO, J. G. **Judô**. Disponível em: <http://ge.globo.com/judo/noticia/2014/09/precursor-na-difusao-do-judo-no-pais-ryuzo-ogawa-e-uma-lenda-do-esporte.html>. Acesso em 29 nov. 2020.

O ESTADO. **Nilo Veloso**: precursor do judô no ceará. Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://www.oestadoce.com.br/esportes/historia-nilo-veloso-precursor-do-judo-no-ceara/>. Acesso em: 09 jan. 2021.

PAOLO. **Todo Faixa Preta Deve Ser Chamado de Sensei?** Canal: Judô Tatami. [vídeo 4min:31seg], 2021. Disponível em: <https://youtube/XZnbv6gssTB>. Acesso em 03 nov. 2021.

REDAÇÃO. Cinema Majestic, o primeiro cineteatro, surgiu há 100 anos. **Jornal Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Dispo-

nível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/cinema-majestic-o-primeiro-cineteatro-surgiu-ha-100-anos-1.1763529>. Acesso em: 26 maio 2021.

RODRIGUES, F. B. **A Trajetória do Jiu-Jitsu em Fortaleza: uma análise do processo de introdução, divulgação e consolidação (1935–1966)**. 2017. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

ROSA, M. **A História do Japão Contada por Períodos e Eras: do pré-Jomon ao atual**. Mundo-Nipo. Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/historia-do-japao/15/12/2012/a-historia-do-japao-contada-por-periodos-e-eras-do-pre-jomon-ao-atual/>. Acessado em: 06. fev. 21.

ROZA, A. F. C. **Judô Infantil: uma brincadeira séria**. São Paulo: Phorte, p. 21, 2010.

ROSSI, A. **Aluno de Judô de 7 Anos Morre Após ser Jogado 27 Vezes no Chão**. Correio Brasiliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/06/4934690-aluno-de-judo-de-7-anos-morre-apos-ser-jogado-27-vezes-no-chao.html>. Acessado em: 16 nov. 2021

SÁ, F. C. P. **Jiu-jitsu e Sua História**. 2012. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes Marciais) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, P. R. A Concepção de Poder em Michel Foucault. **Revista Especiaria – Caderno Ciências Humanas**. v. 1, n. 28, jun/jul, p. 261-280, 2016.

SANTOS, S. G. **Judô: buscando o caminho suave**. Florianópolis: Duplic Gráfica e Editora, 2014.

SANTOS, S. L. C. **Bushido e Artes Marciais**: contribuições para a educação contemporânea. Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS, M. P. Operação docente. In: VÁRIOS AUTORES. **Antologia de poesias, contos e crônicas**. São Paulo: All Print Editora, p.91-92, 2012.

SANTOS, C. P; NETO, J. P; SILVA, J. N. **Japão – Shogi**. Norprint, 2008.

SILVA, J. P. **Judô**: um aprendizado para a vida. Brasília, DF: Edição do Autor. p. 49-53, 2017.

SCHIPANSKI, C. E. **História Medieval**: releitura de uma época. Guarapuava: Unicentro, 2009.

STEVENS, J. **Três Mestres do Budo**: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido). São Paulo: Cultrix, 2007.

TEGNER, B. **Guia Completo de Judô**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.

THOEN, M. E. M. Relato [23 de maio de 2021]. **Entrevistador CAVALCANTE, J. S.** Fortaleza. WhatsApp (30min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da Monografia da Especialização em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

TOKITSU, K. **Ki e o Caminho das Artes Marciais**. São Paulo: Cultrix, 2012.

TUBINO. M. J. G. **Esporte e Cultura Física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

VELOSO, N. W. C. Relato [18 e 21 de maio de 2021]. **Entrevistador CAVALCANTE, J. S.** Fortaleza. WhatsApp (60min). Entrevista concedida para o desenvolvimento da Monografia da

Especialização em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

VELTE, H. **Dicionário de Termos Técnicos de Judô**. São Paulo: Tecnoprint S.A, 1989.

VILLAMÓN, Miguel. **Introdución ao Judo**. Barcelona: Hispano Europea, 1996.

VIRGÍLIO, S. **A Arte e o Ensino do Judô**. Porto Alegre: Rígel, 2000.

VIRGÍLIO, S. **Conde Coma: o invencível Yon Dan da história**. Campinas: Átomo, 2002.

VIRGÍLIO, S. **Personagens e História do Judô Brasileiro**. Campinas: Átomo, 2002.

YAMAMOTO, S. **O Porquê dos Vermelhos e Brancos**. 2019. (In) <https://web.facebook.com/kasokujiujitsujapones/posts/540843939753642?_rdc=1&_rdr>. Acessado em 28. jan. 21 (Não Publicado).

WHITE, D. **Judô em Quadrinhos: a maneira fácil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

O AUTOR



Jean Silva Cavalcante

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7084-8408>

E-Mail: dr.jeancavalcantefisio@gmail.com

Graduado em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR, 2003), Graduado em Fisioterapia pela Estácio do Ceará (2012), Doutorando em Ciências do Desporto (UTAD, 2020), Mestre em Ensino na Saúde - Universidade Estadual do Ceará (UECE, 2020), Osteopata pela Escola Brasileira de Osteopatia e Terapia Manual (Ebom, 2021), Especialista em Fisiologia e Biomecânica dos Movimentos pela Faculdade Integrada do Ceará (FIC, 2007), Especialista em Treinamento Desportivo pela Universidade Veiga de Almeida (UVa, 2014), MBA em Gestão Estratégica de IES pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ, 2015), Especialista em Traumatismo-Ortopedia com Ênfase em Terapia Manual pela Estácio do Ceará (Estácio, 2015), Especialista em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE, 2021), Especialista em Fisioterapia Esportiva pela Sociedade Nacional de Fisioterapia Esportiva (SONAFE, 2015), Especialista em Osteopatia Estrutural e Funcional (FMMG, 2022), Especialista em Gestão em Saúde (UNIPAMPA, 2023), Membro da Câmara de Saúde do CREF/5, Especialista Profissional em Biomecânica do Exercício (CREF/5 - CONFEF, 2023), Especialista Profissional em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas (CREF/5 - CONFEF, 2023), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE/UECE), Faixa Preta 5º Dan de Judô pela Federação Cearense de Judô/Confederação Brasileira de Judô (FECJU/CBJ), Diretor do Departamento de Saúde da Federação Universitária Cearense de Esportes (FUCE).

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário

EDIÇÕES INESP

João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo
Orientador da Célular de Edição e Produção Gráfica

**Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França e João Alfredo**
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braile

Mário Giffoni
Diagramação

José Gotardo Filho, Saulo Macedo e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

João Victor Sampaio e Rícael Gomes de Oliveira
Estagiário

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação

Valquíria Moreira
Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

**Lúcia Maria Jacó Rocha, Sandra Bastos Mesquita
e Vânia Monteiro Soares Rio**
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studert Vieira
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: [https://www.al.ce.gov.br/paginas/
instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp](https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp)
E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-3701



ALECE

Av. Desembargador Moreira, 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP: 60.170-900
Site: <https://www.al.ce.gov.br/>
Fone: (85) 3277.2500



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações